



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CONSELHO SUPERIOR

Resolução nº 33/CONSUP/IFRO, de 20 de dezembro de 2011.

Dispõe sobre o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena.

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA, no uso de suas atribuições legais conferidas pela Lei nº 11.892, de 29/12/2008, publicada no D.O.U. de 30/12/2009 e em conformidade com o disposto no Estatuto, e considerando ainda a ausência de *quorum* regimental para deliberação,

RESOLVE:

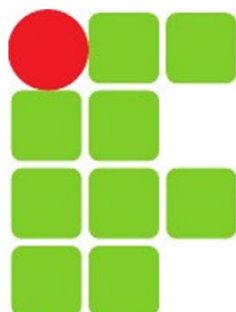
Art. 1.º: APROVAR, *ad referendum*, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – *Campus Vilhena*, anexo a esta Resolução.

Art. 2.º: Esta Resolução entra em vigor nesta data.

RAIMUNDO VICENTE JIMENEZ
Presidente do Conselho Superior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CAMPUS VILHENA**



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RONDÔNIA
Campus Vilhena

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Projeto aprovado *ad referendum* pela Resolução nº 33/2011/CONSUP/IFRO

**VILHENA/RO
2011**

SUMÁRIO

1	IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	8
1.1	DADOS DA INSTITUIÇÃO	8
1.2	DADOS DA UNIDADE DE ENSINO	8
1.3	CORPO DIRIGENTE DA UNIDADE DE ENSINO	8
1.4	HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO	9
1.4.1	Histórico da unidade de ensino	10
1.5	ATIVIDADES PRINCIPAIS DA INSTITUIÇÃO	11
2	APRESENTAÇÃO	12
2.1	IDENTIFICAÇÃO DO CURSO:	12
2.2	EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO PROJETO	12
2.3	DADOS DO COORDENADOR DO CURSO	14
2.4	TOTAL DE VAGAS	14
2.5	JUSTIFICATIVA	14
2.6	OBJETIVOS	16
2.6.1	Objetivo geral	16
2.6.2	Objetivos específicos	16
2.7	PÚBLICO-ALVO	17
2.7.1	Forma de ingresso	17
2.8	PERFIL DO EGRESSO	17
3	ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR	20
3.1	CONCEPÇÃO METODOLÓGICA	20
3.2	MATRIZ CURRICULAR	21
3.2.2	Fluxogramas	28
3.3	PLANOS DE DISCIPLINA	29
3.4	PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	30
3.5	ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR	31
3.6	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	32
3.7	AVALIAÇÃO	33
3.7.1	Avaliação do processo de Ensino e Aprendizagem	33
3.7.2	Avaliação do curso	33

3.8 PRÁTICA PROFISSIONAL	34
3.8.1 Estágio	34
3.8.2 Trabalhos de conclusão de curso	35
3.9 POLÍTICA DE INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	36
3.9.1 Política de articulação com instituições de ensino	37
3.10 CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE ESTUDOS	37
3.11 DIPLOMAÇÃO	37
4 EQUIPE DE PROFESSORES	38
4.1 REQUISITOS DE FORMAÇÃO	38
4.2 EQUIPE DOCENTE CONSTITUÍDA E ÍNDICES DE QUALIFICAÇÃO	39
4.3 POLÍTICA DE APERFEIÇOAMENTO, QUALIFICAÇÃO E ATUALIZAÇÃO	40
5 ÓRGÃOS DE ACOMPANHAMENTO DE NATUREZA ACADÊMICA.....	41
5.1 COORDENAÇÃO DO CURSO	41
5.2 COLEGIADO	42
5.3 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE.....	43
6 SETORES DE APOIO PEDAGÓGICO E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	45
6.1 DIRETORIA DE ENSINO	45
6.2 DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO	47
6.3 DEPARTAMENTO DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO	47
6.4 SETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	47
6.5 NÚCLEO DE ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS.....	48
7 INFRAESTRUTURA	49
7.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA E RECURSOS MATERIAIS	49
7.1.1 Distribuição do espaço físico.....	49
7.1.2 Recursos de hiperídia para salas de aula	50
7.2 ACESSIBILIDADE ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS	50
7.2.1 Acessibilidade para pessoas com deficiência física	50
7.2.2 Acessibilidade para alunos com deficiência visual	51
7.2.3 Acessibilidade para alunos com deficiência auditiva	52

7.3 INFRAESTRUTURA DE INFORMÁTICA	54
7.4 INFRAESTRUTURA DE LABORATÓRIOS ESPECÍFICOS À ÁREA DO CURSO	55
7.5 BIBLIOTECA	56
7.5.1 Acervo	56
7.6 EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA	57
7.7 RECURSOS DIDÁTICOS E DE SUPORTE	57
8 EMBASAMENTO LEGAL.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE: EMENTAS DAS DISCIPLINAS	62
I Semestre	62
Fundamentos da Matemática I	62
Filosofia da Educação e Ética Profissional	62
Português Instrumental	63
Metodologia do Trabalho Científico	63
Geometria Plana e Espacial	63
História da Educação	64
II Semestre	65
Fundamentos da Matemática II	65
Cálculo Diferencial e Integral I	65
História da Matemática	66
Teoria dos Números	66
Sociologia da Educação	67
Didática Geral	67
III Semestre	68
Fundamentos da Matemática III	68
Cálculo Diferencial e Integral II	68
Estatística I	69
Geometria Analítica e Vetorial	69
Políticas Públicas e Legislação em Educação	70
Psicologia da Educação	70
IV Semestre	71
Lógica Matemática	71
Fundamentos da Matemática IV	71
Cálculo Diferencial e Integral III	72
Estatística II	72
Metodologia do Ensino da Matemática I	73
V Semestre	73

Cálculo Diferencial e Integral IV	73
Geometria Euclidiana	74
Metodologia do Ensino da Matemática II	74
Física I	75
Informática Aplicada ao Ensino da Matemática	75
VI Semestre	76
Física II	76
Avaliação da Aprendizagem	76
Álgebra Linear I	77
Educação Inclusiva	77
Cálculo Numérico	78
Equações Diferenciais	78
VII Semestre	79
Física III	79
Álgebra I	79
Análise Real	80
Oficina de Material Pedagógico	80
Álgebra Linear II	81
Desenho Geométrico	81
VIII Semestre	82
Libras	82
Álgebra II	82
Variáveis Complexas	83
Geometria Descritiva	83
Metodologia do Ensino em EJA	84
Metodologia do Ensino em EAD	84
ANEXO 1	85
QUADRO DE DOCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	85
ANEXO 2	86
LINKS DE ACESSO AO CURRÍCULO DOS MEMBROS DO CORPO DIRIGENTE	86
ANEXO 3	86
LINKS DE ACESSO AO CURRÍCULO DOS DOCENTES	86

LISTA DE QUADROS E FLUXOGRAMAS

Quadro 1: Composição do NDE.....	13
Quadro 2: Titulação (maior) proporcional dos membros do NDE.....	13
Quadro 3: Matriz curricular.....	23
Quadro 4: Distribuição de disciplinas por Núcleo.....	25
Quadro 5: Disciplinas que contemplam Prática como Componente Curricular.....	30
Quadro 6: Requisitos de formação por disciplina	38
Quadro 7: Índices de titularidade dos docentes	39
Quadro 8: Estrutura física básica do <i>Campus</i> Vilhena.....	49
Quadro 9: Recursos de hipermídia para uso dos docentes e discentes.....	50
Quadro 10: Especificações de cada laboratório de informática.	55
Quadro 11: Relação de laboratórios utilizados no curso e seus objetivos.....	56
Fluxograma 1: Geral.....	28
Fluxograma 2: Parcial.....	29

1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.1 DADOS DA INSTITUIÇÃO

Nome:	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA				
CNPJ:	10.817.343-0001-05				
End.:	Av. Jorge Teixeira, 3.500 — Setor Industrial				
Cidade:	Porto Velho	UF:	RO	CEP:	76.821-064
Fone:	(69) 2182-9601	Fax:	(69) 2182-9601		
E-mail:	reitoria@ifro.edu.br				

Reitor: Raimundo Vicente Jimenez

Pró-Reitora de Ensino: Silvana Francescon Wandroski

Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação: Artur de Souza Moret

Pró-Reitora de Extensão: Marilise Doege Esteves

Pró-Reitor de Planejamento e Administração: Arijuan Cavalcante dos Santos

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Jackson Bezerra Nunes

1.2 DADOS DA UNIDADE DE ENSINO

Nome:	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia — <i>Campus</i> Vilhena						
CNPJ:	10.817.343/0003-69						
End.:	BR 174, km 3, s/n — Zona Urbana						
Cidade:	Vilhena			UF:	RO	CEP:	76.980-000
Fone:	(69) 2101-0706		Fax:	(69) 2101-0706			
E-mail:	campusvilhena@ifro.edu.br						

Pró-Reitor de Administração e Planejamento: Arijuan Cavalcante dos Santos

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Jackson Bezerra Nunes

Diretor-Geral do *Campus*: Maria Fabíola da Assumpção Santos

Diretora de Ensino: Ângela Correia da Silva

1.3 CORPO DIRIGENTE DA UNIDADE DE ENSINO

Dirigente Principal da Instituição de Ensino						
Cargo:	Diretor-Geral do <i>Campus</i>					
Nome:	Maria Fabiola da Assumpção Santos					
End.:	BR 174, km 3, s/n — Zona Urbana					
Cidade	Vilhena		UF:	RO	CEP:	76.980-000
Fone:	(69) 3322-4202		Fax:	(69) 2101-0706		
E-mail:	fabiola@ifro.edu.br					

Diretora de Ensino						
Nome:	Ângela Correia da Silva					
End.:	Rua Quintino Cunha, 786, Centro					
Cidade	Vilhena		UF:	RO	CEP:	76.980-000
Fone:	(69) 3321-3270		Fax:			
E-mail:	angela@ifro.edu.br					

Os endereços dos currículos do corpo dirigente do IFRO — *Campus* Vilhena encontram-se no Anexo 2.

1.4 HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criado pela Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que reorganizou a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica composta pelas escolas técnicas, agrotécnicas e CEFETs, transformando-os em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia distribuídos em todo o território nacional.

O Instituto Federal de Rondônia (IFRO) surgiu como resultado da integração da Escola Técnica Federal de Rondônia (à época em processo de implantação, tendo Unidades em Porto Velho, Ji-Paraná, Ariquemes e Vilhena) com a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste — esta possuindo então 15 anos de existência.

O IFRO faz parte de uma rede quase centenária, com origem no Decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha. Foram criadas 19 Escolas de Aprendizizes Artífices, uma em cada capital federativa, para atender especialmente a filhos de trabalhadores de baixa renda.

Estes são os marcos históricos do Instituto Federal de Rondônia:

- ✓ 1993: criação da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste e das Escolas Técnicas Federais de Porto Velho e Rolim de Moura por meio da Lei 8.670, de 30/6/1993. Apenas a Escola Agrotécnica foi implantada, porém;
- ✓ 2007: criação da Escola Técnica Federal de Rondônia por meio da Lei 11.534, de 25/10/2007, com unidades em Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena;
- ✓ 2008: criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), por meio da Lei 11.892, de 29/12/2008, que integrou

V em uma única instituição a Escola Técnica Federal de Rondônia e a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste.

V 2009: início das aulas e dos processos de expansão da rede do IFRO.

O Instituto Federal de Rondônia está fazendo investimentos substanciais na ampliação de seus *Campi* e de sua rede. Para o início de 2012, a configuração é esta: uma Reitoria; seis *campi* implantados (Porto Velho — Zona Norte, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Vilhena e Colorado do Oeste); e dois *campi* em implantação (Porto Velho/Calama e Guajará-Mirim).

1.4.1 Histórico da unidade de ensino

O *Campus* Vilhena foi instituído, primeiramente, como Unidade Descentralizada (UNED) da Escola Técnica Federal de Rondônia, criada pela Lei 11.534, de 25 de outubro de 2007, sob a Direção-Geral do professor Raimundo Vicente Jimenez. Em 22 de junho de 2008, foi realizada a primeira Audiência Pública sobre a implantação da UNED Vilhena, para consulta à comunidade sobre os cursos a serem ofertados.

Em 1º de outubro de 2008, foi realizada a segunda Audiência Pública. Apresentou-se o resultado da pesquisa realizada pela Comissão Especial para levantamento de dados socioeconômicos. A comunidade optou pelos cursos técnicos em Informática, Eletromecânica e Edificações, com oferta a partir de 2010. Nesta solenidade foi doada a área de 7,5 ha para a construção da UNED, por Arthur Fronzoni, situada às margens da BR 174, km 3. Em 29 de dezembro de 2008, com a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, a partir da integração entre a Escola Técnica Federal de Rondônia e a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste, a UNED Vilhena passou a ser denominada *Campus* Vilhena.

Em 20 de fevereiro de 2009, foi nomeada para Direção-Geral *Pro Tempore* do *Campus* Vilhena a professora Maria Fabíola Moraes da Assumpção Santos, por meio da Portaria 3, de 20/2/2009, baixada pelo Instituto Federal do Amazonas — o responsável inicial pela implantação do IFRO. No dia 22 de maio do mesmo ano, no auditório da Circunscrição Regional de Trânsito (CIRETRAN), em Vilhena, houve a solenidade que marcou o início da construção do *Campus*. Nesta cerimônia foi apresentada à sociedade Vilhenense a maquete eletrônica da estrutura do prédio que seria construída e os cursos a serem ofertados.

O *Campus* Vilhena iniciou suas atividades pedagógicas em 30 de agosto de 2010, ofertando os cursos, eleitos pela comunidade, na modalidade subsequente ao Ensino Médio. Em 29 de dezembro de 2010, o *Campus* foi inaugurado oficialmente pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília. Em 2011 os mesmos cursos passaram a ser oferecidos também na modalidade integrada ao Ensino Médio.

Atualmente, o *Campus* oferece também cursos de Formação Inicial e Continuada e de pós-graduação, inclusive na modalidade a distância, bem como realiza pesquisas e extensão. Em 2012, iniciará a oferta de Licenciatura, com previsão ainda de cursos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

1.5 ATIVIDADES PRINCIPAIS DA INSTITUIÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia ofertará, quando de sua plena capacidade de funcionamento e seus *Campi* instalados, educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico e tecnológico em geral; cursos superiores de tecnologia, licenciaturas e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias; e programas de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Com o objetivo de capacitar, aperfeiçoar, especializar e atualizar profissionais em todos os níveis de escolaridade, ministra também cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores.

Na busca de inovações tecnológicas e difusão de conhecimentos científicos, o IFRO promove pesquisa básica e aplicada e desenvolverá atividades de extensão, em conformidade com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica e em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais. Tomando por base a determinação do Art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o IFRO promove também uma política de educação a distância. Neste sentido, implantará um sistema integrado e harmonioso de educação à distância em nível institucional, por se tratar de uma estratégia de ensino abrangente, num estado em que ainda são poucas as oportunidades de formação profissional técnica.

Compete ainda ao IFRO prestar assessorias, fazer visitas técnicas, desenvolver inovação tecnológica e realizar outras atividades relacionadas a ensino, pesquisa e extensão.

2 APRESENTAÇÃO

Matemática é a ciência que desenvolve a capacidade lógica do pensamento, auxiliando no desenvolvimento das demais ciências e tendo um leque enorme de aplicação. Suas teorias permitem aplicação prática em todas as áreas do conhecimento humano.

O matemático é o cientista que ajuda a equacionar e resolver os problemas de pesquisa e desenvolvimento em diversas áreas científicas e tecnológicas, além de atuar na carreira do ensino superior e na pesquisa. O Licenciado em Matemática atua no ensino fundamental e médio (educação básica) para capacitar o aluno a: entender as teorias matemáticas e a sua aplicabilidade prática, de acordo com as necessidades humanas, técnicas e científicas; desenvolver as estruturas dos equipamentos das organizações; entender o mundo físico e a própria sociedade, além de preparar-se para a atuação profissional eficiente.

2.1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO:

- a) Nome do Curso: Licenciatura em Matemática;
- b) Modalidade de oferta: Presencial;
- c) Área de Conhecimento a que pertence: Educação;
- d) Habilitação: Licenciado em Matemática;
- e) Carga Horária: 3.334 horas
- f) Requisitos de Acesso/Forma de Ingresso: Processo seletivo público;
- g) Distribuição de Vagas: 40 vagas anuais;
- h) Turno de Funcionamento: Noturno;
- i) *Campus* de Funcionamento: Vilhena;
- j) Regime de Matrícula: Semestral;
- k) Prazo de Integralização do Curso: No mínimo 8 e no máximo 16 semestres.

2.2 EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

A Comissão de Elaboração e Sistematização deste Projeto Pedagógico é composta pelos membros do Núcleo Docente Estruturante e a Diretora de Ensino, designados pela Portaria 65, de 4 de agosto de 2011, baixada pela Direção-Geral do *Campus*. Os membros são estes:

Ângela Correia da Silva (Presidente)

Diego Leônidas Esplendo Vieira

Leonardo Pereira da Silva

A comissão contou com a colaboração dos professores Antonio Sergio Florindo dos Santos e Claudinei de Oliveira Pinho.

O Núcleo Docente Estruturante, completo, é composto pelos profissionais apresentados no quadro abaixo.

Quadro 1: Composição do NDE

Nº	Nome	Formação	Maior Titulação	Área	CH	RT
1	Angela Correia da Silva	Matemática	Especialização	Matemática e Estatística	40	40 h
2	Antonio Sérgio Florindo dos Santos	Matemática	Graduação	Matemática	40	DE
3	Cláudia Aparecida Prates	Pedagogia	Especialização	Metodologia do Ensino Superior	40	40 h
4	Claudinei de Oliveira Pinho	Matemática	Especialização	Educação da Matemática	40	DE
5	Leonardo Pereira da Silva	Física	Especialização	Educação Matemática	40	DE
6	Pedro Vargas Groeff	Matemática e Engenharia Mecânica	Especialização	Metodologia das Ciências da Matemática e Docência no Ensino Superior	40	DE

Fonte: IFRO (2011)

Dentre os profissionais, 83 % possuem especialização, conforme indicado no quadro 2. Observa-se que a equipe possui, em sua grande maioria, formação específica para a área.

Quadro 2: Titulação (maior) proporcional dos membros do NDE

Titulação	Qtde.	% do total	Na área do curso		Em outras áreas	
			Qtde.	% do total	Qtde.	% do total
Graduação	1	17	1	17		
Especialização	5	83	4	66	1	17
Mestrado						
Doutorado						
Total	6	100	5	83	1	17

Fonte: IFRO/Campus Vilhena (2011)

O Instituto Federal de Rondônia possui uma Política de Capacitação de Servidores que incentiva a formação em carreira, de modo que os índices de titulação dos docentes e demais servidores envolvidos serão elevados durante o período de aplicação do curso.

2.3 DADOS DO COORDENADOR DO CURSO

O curso é coordenado por um professor licenciado em Matemática, cujos dados de endereço são apresentados abaixo.

Nome:	Claudinei de Oliveira Pinho					
End.:	Rua: Lírio do Vale		Bairro:	Jardim Primavera		
Cidade:	Vilhena		UF:	RO	CEP:	76980000
Fone:	(69) 3322-1386	Fax:				
E-mail:	claudinei.pinho@ifro.edu.br					

O endereço do currículo do coordenador do curso e dos demais membros do NDE encontra-se no anexo 2 deste projeto.

2.4 TOTAL DE VAGAS

O quantitativo de vagas será definido conforme as condições estruturais e a disponibilidade de profissionais no *Campus*. Há uma previsão de 40 vagas por ano, de modo a totalizar 160 ao longo do período mínimo de integralização do curso. O aumento ou redução de vagas se fará de forma fundamentada pela Direção-Geral do *Campus* à Reitoria.

2.5 JUSTIFICATIVA

Atualmente, vivencia-se a era do conhecimento, norteadas pela informação e comunicação, associada ao crescente desenvolvimento tecnológico. Essa realidade fez com que a Matemática ganhasse uma dimensão diferente, conquistando cada vez mais espaço no mundo do trabalho. Ela é a base fundamental para a formação teórica em todos os cursos da área de Ciências Exatas e da Terra, o que também contribui com a alta procura por licenciados.

Não obstante, é notório que o Estado de Rondônia tem enfrentado desafios relacionados à superação de barreiras estruturais para alcançar melhores resultados, sobretudo na formação de docentes habilitados em Matemática, uma vez que a procura por docentes com formação nesta área se prolonga no decorrer dos anos. Desta forma, a falta de profissionais faz com que as vagas existentes sejam supridas por pessoas com formação em outras áreas.

A exemplo, conforme informações fornecidas pela Representação de Ensino da Secretaria de Estado da Educação (REN/SEDUC), no município, a rede estadual de ensino de Vilhena apresenta um quadro de 55 professores na educação básica lecionando a disciplina de Matemática, mas 85,45% não possuem a habilitação específica requerida.

Na rede municipal, segundo a Secretaria de Educação, o problema se repete: há 15 professores atuantes na cadeira de matemática, porém 26,6% são formados em áreas diferentes de Matemática.

Ademais, constatou-se que nenhuma Instituição de Ensino Superior da região do Cone Sul do Estado de Rondônia oferece o curso de graduação em Matemática, para atender a demanda existente.

Em todo o território do Estado de Rondônia, somente três Instituições de Ensino Superior oferecem o Curso de Licenciatura em Matemática, a saber: Universidade Federal de Rondônia — nos *campus* de Porto Velho e Ji-Paraná; a Faculdade Integrada de Ariquemes — FIAR; e a Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal — FACIMED, todas distantes do município de Vilhena.

Portanto, apesar da crescente importância da Matemática no mundo contemporâneo, em Rondônia, sobretudo no Cone Sul do estado, é visível a presença de um vácuo educacional concernente à oferta do curso, em razão da carência de Instituições de Ensino Superior que ofereçam a graduação em questão. O fato gera a manifesta falta de profissionais habilitados na área.

Por conseguinte, a proposta de oferta do curso de Licenciatura em Matemática surgiu da necessidade de suprir demandas para a formação inicial de professores sem graduação específica.

Como a Matemática é a principal propulsora do avanço tecnológico em que se encontra o mundo atual e existe a escassez de docentes, o *Campus* elegeu a Licenciatura como uma das prioridades atuais para atendimento às necessidades e interesses das comunidades locais, regionais e até nacionais (haja vista a grande mobilidade de profissionais e sua carência em todo o país).

O IFRO tem por finalidade, conforme determina sua Lei de criação (11.892, de 29 de dezembro de 2008), oferecer 20% das vagas próprias para formação em Licenciatura. A modalidade, portanto, já se justifica nas origens da Instituição, e o curso, nas necessidades da Educação Básica das redes públicas de educação, onde grande parte dos professores de

Matemática possuem graduações em outras áreas. Em função da falta de especificidade na formação, os alunos egressos do Ensino Fundamental e Médio ingressam nos cursos de graduação ou de formação técnica sem o preparo adequado às exigências dos novos estudos.

Outro fator que motivou a implantação do curso é a necessidade interna, pois o IFRO tem por finalidade ainda oferecer 50% de suas vagas para cursos técnicos de nível médio, onde a Matemática é uma das disciplinas comuns e obrigatórias, que requer o profissional habilitado. A demanda do IFRO e outras instituições, no nível superior, também serão atendidas, pois os licenciados podem se especializar para atuar nas graduações e pós-graduações. Assim, tem-se uma demanda externa e interna que precisa ser atendida, pelas próprias exigências das redes públicas e privadas de ensino.

2.6 OBJETIVOS

2.6.1 Objetivo geral

Formar educadores em Matemática, com perfil para atuação na segunda fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

2.6.2 Objetivos específicos

- a) Aplicar os conhecimentos matemáticos nas atividades cotidianas, na atividade tecnológica e na interpretação da ciência.
- b) Formar profissionais com visão abrangente do papel do educador e capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares, utilizando-se dos conhecimentos matemáticos para a compreensão do mundo que o cerca;
- c) Preparar o futuro professor para atuar na educação básica, com competência matemática para resolver problemas;
- d) Propiciar ao cursista da licenciatura o conhecimento de diferentes experiências didáticas em ensino de matemática, em consonância com os conteúdos e objetivos propostos, para que possa ter mais eficácia em seu trabalho cotidiano;
- e) Preparar profissionais para o desenvolvimento da pesquisa no campo das ciências exatas, especialmente nas aplicações escolares ou de formação geral do cidadão.

2.7 PÚBLICO-ALVO

O Projeto tem como alvo principal a população da Microrregião de Vilhena, que envolve este município e os circunvizinhos: Chupinguaia, Parecis, Pimenta Bueno, Primavera de Rondônia, São Felipe D'Oeste (que compõem a Microrregião VII do Estado) e outros. Todavia, em vista da escassez de professores da área de Matemática e da pouca frequência do curso em Rondônia, pessoas oriundas de outras regiões também são previstas para ingresso no *Campus* e a realização do curso; são esperados, ainda, professores da Educação Básica que atuam nas disciplinas da área de exatas sem a licenciatura em Matemática, além de cursistas transferidos de outras instituições públicas de ensino.

Ao se inscreverem no processo seletivo, os candidatos preencherão um questionário para apresentação de dados socioeconômicos, que incluem, além de renda, algumas condições individuais — indicadoras de necessidades específicas, por exemplo. Os dados serão sistematizados pela Diretoria de Assuntos Estudantis e servirão para aprimorar o planejamento das ações relacionadas ao curso. Outros questionários do tipo poderão ser aplicados após o ingresso, para melhor traçar o perfil do aluno no curso.

2.7.1 Forma de ingresso

O ingresso de alunos no curso se dará após aprovação dos candidatos em vestibular regulado por edital específico para cada ingresso ou mediante apresentação de transferência expedida por outra unidade de ensino também pública e que ofereça educação profissional, científica ou tecnológica compatível com o curso em que se pleiteia o ingresso, conforme estabelecido no Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação no IFRO e na Instrução Normativa 1/2011 da Pró-Reitoria de Ensino.

Quando existirem vagas remanescentes, poderá ser realizado um processo seletivo especial, instituído pelo *Campus*, sob autorização da Direção-Geral.

2.8 PERFIL DO EGRESSO

O licenciado em Matemática é um profissional capacitado para o exercício do magistério na Educação Básica (segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio), com uma formação generalista na respectiva área. Deverá, segundo o Parecer 1.302/2001, do

Conselho Nacional de Educação, reconhecer-se como educador crítico, capaz de utilizar e discutir os conteúdos da Matemática como instrumentos para a promoção da cidadania e a integração dos diferentes sujeitos neste desafio, no sentido inclusive da superação de um histórico de perdas nos processos educacionais relativos à matéria. Em geral, ainda conforme o mesmo Parecer (p. 3), são previstas as seguintes competências e habilidades para o Licenciado em Matemática:

- a) capacidade de expressar-se escrita e oralmente com clareza e precisão;
- b) capacidade de trabalhar em equipes multi-disciplinares
- c) capacidade de compreender, criticar e utilizar novas idéias e tecnologias para a resolução de problemas.
- d) capacidade de aprendizagem continuada, sendo sua prática profissional também fonte de produção de conhecimento
- e) habilidade de identificar, formular e resolver problemas na sua área de aplicação, utilizando rigor lógico-científico na análise da situação-problema
- f) estabelecer relações entre a Matemática e outras áreas do conhecimento
- g) conhecimento de questões contemporâneas
- h) educação abrangente necessária ao entendimento do impacto das soluções encontradas num contexto global e social
- i) participar de programas de formação continuada
- j) realizar estudos de pós-graduação
- k) trabalhar na interface da Matemática com outros campos de saber

De acordo com os essas diretrizes, o profissional da Matemática precisa ser dinâmico, ter sólidos conhecimentos na área e agir de forma contextualizada, consciente do seu papel e dos impactos de suas ações e das pessoas que instrui no mundo globalizado. Especificamente, o Parecer 1.302/2001/CNE prevê como perfil do Licenciado:

- a) elaborar propostas de ensino-aprendizagem de Matemática para a educação básica;
- b) analisar, selecionar e produzir materiais didáticos;
- c) analisar criticamente propostas curriculares de Matemática para a educação básica;
- d) desenvolver estratégias de ensino que favoreçam a criatividade, a autonomia e a flexibilidade do pensamento matemático dos educandos, buscando trabalhar com mais ênfase nos conceitos do que nas técnicas, fórmulas e algoritmos;
- e) perceber a prática docente de Matemática como um processo dinâmico, carregado de incertezas e conflitos, um espaço de criação e reflexão, onde novos conhecimentos são gerados e modificados continuamente;
- f) contribuir para a realização de projetos coletivos dentro da escola básica.

É requerida do profissional uma competência tanto conceitual quanto instrumental e processual. Sua preparação como educador transcende a ministração de disciplinas; atinge a dimensão toda da educação e da construção do conhecimento, conforme suas competências

para o desenvolvimento de uma prática educativa contextualizada, engajada em ações transformadoras, que incluem:

- a) Promover práticas educativas a partir de conteúdos e conhecimentos básicos contextualizados, tendo em vista a natureza histórica e social da construção do conhecimento;
- b) Compreender o modo de produção próprio da Matemática — origens, processos formais, aplicações e inserção cultural;
- c) Utilizar as tecnologias da informação e comunicação em harmonia com outros materiais de apoio didático e procedimentos pedagógicos que favoreçam a aprendizagem significativa da Matemática;
- d) Inserir-se em diversas realidades com sensibilidade para interpretar as ações dos educandos;
- e) Propiciar o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático dos alunos, sem perda do rigor necessário ao desenvolvimento formal dos conteúdos;
- f) Elaborar, orientar e executar projetos e pesquisas educacionais.

Com esse perfil, atende-se ao pressuposto contido no artigo 6º, inciso VI, parágrafo 3º da Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação, cujas diretrizes apontam para essa formação dinâmica e ao mesmo tempo específica, focada nas especificidades da educação (e seus diferentes sujeitos) e da área dos cursos.

As perspectivas do mercado de trabalho para o professor de Matemática são relativamente amplas, pois além de atuar em diversos níveis de ensino, poderá prosseguir nos estudos em cursos de pós-graduação, na própria área e se habilitar para a atuação no ensino superior e em áreas correlatas, como Estatística, Ciência da Computação, Física, em diferentes ramos da Engenharia, e desenvolver pesquisas científicas voltadas para a Educação Matemática.

3 ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

3.1 CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

O currículo é organizado de modo a garantir o desenvolvimento de competências fixadas pela Legislação pertinente. Deverá ser seguida uma concepção de educação crítica e contextualizada, em que se busque o diálogo, a garantia de condições de permanência do aluno no curso e as estratégias de ensino e aprendizagem que favoreçam a uma formação de qualidade.

As disciplinas serão ministradas segundo uma variedade de métodos de ensino e aprendizagem, cada qual dentro de suas peculiaridades. Aquelas de formação mais teórica, em geral, se utilizarão de aulas expositivas, mas não dispensarão o uso de equipamentos como projetores de imagens, microcomputadores (como o caso dos Cálculos), ou outros, viabilizando situações concretas (simuladas) dos conceitos abstratos, com fundamental importância para a sólida formação básica do aluno.

Muitas das disciplinas que compõem a estrutura curricular da Licenciatura em Matemática, principalmente aquelas voltadas à formação pedagógica do futuro professor, possibilitam o desenvolvimento de diversas atividades práticas, como minicursos, seminários, palestras ou orientações em matemática. O curso tem o compromisso de formar profissionais capazes de construir e compartilhar conhecimentos.

Do ponto de vista pedagógico, os componentes curriculares privilegiam o aluno enquanto agente do processo da aprendizagem, em que o desenvolvimento de projetos é atividade fundamental. Esta metodologia permite articular melhor o mundo do trabalho, a escola e a sociedade, facilitando a contextualização e favorecendo a flexibilidade proporcionada pela estrutura do curso.

O uso de laboratórios permitirá experimentações que darão mais especificidade ao curso. Existem, no *Campus*, laboratórios em suficiência para os trabalhos exigidos nas disciplinas, bem como instrumentos para testes, ensaios e outras formas de trabalho experimental. Entende-se que a prática potencializa a teoria e vice-versa, daí a importância do investimento em ambas. Atividades de laboratório situam o aluno em questões do cotidiano, em tempo e situação reais de aprendizagem.

Também serão explorados os recursos de hipermídia (como computadores, TVs e *data show*) para o desenvolvimento de atividades dinâmicas, flexíveis, práticas e modernas, apropriadas a um ensino que tem por missão atender às necessidades dos novos tempos. O professor a ser formado no curso necessita, inclusive, integrar-se nessas alternativas tecnológicas de ensino para que utilize, nas suas salas de aula, de forma adaptada, as recursividades vivenciadas em seus estudos acadêmicos.

Por meio de uma pedagogia pluralista, o professor ampliará esse universo de formação avançada do aluno e o privilegiará enquanto agente do processo da aprendizagem. Esta metodologia crítica e interacional permite articular melhor a formação com o trabalho, a escola e a sociedade, facilitando a contextualização e favorecendo a flexibilidade proporcionada pela estrutura modular do curso. São previstos projetos de pesquisa e de extensão, que podem incluir seminários, palestras, exposição de *banners* e outras formas de exploração de temas e/ou de exposição dos conhecimentos adquiridos.

São previstas ainda visitas e excursões técnicas, desenvolvimento de trabalhos em parceria com outras instituições (escolas, ONGs, laboratórios), estudos de caso, participação em eventos externos (e internos) e realização de estágio. As metodologias específicas serão traçadas em projetos, planos, manuais de instruções e outras formas de orientação do trabalho pedagógico, mas sem perder de vista os fundamentos gerais aqui expostos, embasados nos princípios da formação global, da aprendizagem significativa, das interações dialógicas e das intervenções críticas.

3.2 MATRIZ CURRICULAR

O curso está organizado em regime semestral, com duração total de quatro anos. Será concluído pelo aluno com o mínimo de 3.334 horas de duração, das quais 1.691 horas envolvem atividades teóricas e 1.655, atividades práticas, incluindo-se especialmente o estágio de 400 horas, atividades acadêmico-científicas, de 200 horas, e o trabalho de conclusão de curso, com 80 horas. Cargas horárias excedentes somente poderão ser trabalhadas se houver autorização da Direção de Ensino, que considerará a relação entre a duração da atividade e o tempo disponível do aluno, dos professores e da escola, para que sejam evitados prejuízos no aproveitamento dos estudos e na vida escolar, profissional e/ou pessoal dos envolvidos.

As disciplinas estão distribuídas por semestres, articuladas entre si e respeitando uma sequência lógica formativa. Elas representam importantes instrumentos de flexibilização e abertura do currículo para o itinerário profissional, permitem a inovação permanente e mantêm a unidade e a equivalência dos processos formativos.

A Matriz Curricular, disposta no quadro a seguir, contempla disciplinas que asseguram a formação pedagógica ao professor da área de Matemática, em inter-relação direta com as disciplinas formadoras do conhecimento específico. As disciplinas serão ministradas no período noturno, e as atividades acadêmico-científicas, em turnos que sejam favoráveis aos cursistas e ao *Campus*.

Quadro 3: Matriz curricular

MATRIZ CURRICULAR DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA/CAMPUS VILHENA								
Aprovada <i>ad referendum</i> pela Resolução nº 33/2011 do Conselho Superior do IFRO								
(Hora-Aula de 50 minutos)								
Períodos	Disciplinas	Códigos	Pré-Requisito	Créditos	CH Teórica	CH Prática	CH Total (Hora-Aula)	CH Total (Hora-Relógio)
1º Semestre	Fundamentos da Matemática I	NB01		5	60	40	100	83
	Filosofia da Educação e Ética Profissional	NP01		2	40	0	40	33
	Português Instrumental	NB05		3	30	30	60	50
	Metodologia do Trabalho Científico	NB06		3	30	30	60	50
	Geometria Plana e Espacial	NE01		5	60	40	100	83
	História da Educação	NP02		2	40	0	40	33
	SUBTOTAL 1			20	260	140	400	332
2º Semestre	Fundamentos da Matemática II	NB02	NB01	4	50	30	80	66
	Cálculo Diferencial e Integral I	NE02	NB01	4	60	20	80	66
	História da Matemática	NE03		3	60	0	60	50
	Teoria dos Números	NE04		3	60	0	60	50
	Sociologia da Educação	NP03		2	40	0	40	33
	Didática Geral	NP04		4	40	40	80	66
	SUBTOTAL 2			20	310	90	400	331
3º Semestre	Fundamentos da Matemática III	NB03	NB02	4	50	30	80	66
	Cálculo Diferencial e Integral II	NE05	NE02	4	60	20	80	66
	Estatística I	NE06		2	20	20	40	33
	Geometria Analítica e Vetorial	NE07		4	60	20	80	66
	Políticas Públicas e Legislação em Educação	NP05		3	40	20	60	50
	Psicologia da Educação	NP06		3	40	20	60	50
	SUBTOTAL 3			20	270	130	400	331
4º Semestre	Lógica Matemática	NE08		3	30	30	60	50
	Fundamentos da Matemática IV	NB04	NB03	4	50	30	80	66
	Cálculo Diferencial e Integral III	NE09	NE05	4	60	20	80	66
	Estatística II	NE10	NE06	3	30	30	60	50
	Metodologia do Ensino da Matemát. I	NP07	NP04	6	60	60	120	100
	SUBTOTAL 4			20	230	170	400	332
5º Semestre	Cálculo Diferencial e Integral IV	NE11	NE09	4	60	20	80	66
	Geometria Euclidiana	NE12	NE07	3	30	30	60	50
	Metodologia do Ensino da Matemát. II	NP08	NP07	6	60	60	120	100
	Física I	NB07		3	40	20	60	50
	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática	NP09		4	40	40	80	66
	SUBTOTAL 5			20	230	170	400	332

Períodos	Disciplinas	Códigos	Pré-Requisitos	Créditos	CH Teórica	CH Prática	CH Total (Hora-Aula)	CH Total (Hora-Relógio)
6º Semestre	Física II	NB08	NB07	3	40	20	60	50
	Avaliação da Aprendizagem	NP10		3	30	30	60	50
	Álgebra Linear I	NE13	NB04	3	40	20	60	50
	Educação Inclusiva	NP11		4	40	40	80	66
	Cálculo Numérico	NE14	NE02	3	40	20	60	50
	Equações Diferenciais	NE15	NE05	4	60	20	80	66
	SUBTOTAL 6			20	250	150	400	332
7º Semestre	Física III	NB09	NB08	3	40	20	60	50
	Álgebra I	NE16	NB01	3	40	20	60	50
	Análise Real	NE17		4	60	20	80	66
	Oficina de Material Pedagógico	NP16		4	0	80	80	66
	Álgebra Linear II	NE18	NE13	3	60	0	60	50
	Desenho Geométrico	NB10		3	40	20	60	50
	SUBTOTAL 7			20	240	80	400	332
8º Semestre	Libras	NP15		3	30	30	60	50
	Álgebra II	NE19	NE16, NE13	3	40	20	60	50
	Variáveis Complexas	NE20		4	60	20	80	66
	Geometria Descritiva	NE21		3	40	20	60	50
	Metodologia do Ensino em EJA	NP12		3	30	30	60	50
	Metodologia do Ensino em EAD	NP13		4	40	40	80	66
	SUBTOTAL 8			20	240	160	400	332
Prática Compl.	Estágio I (Prática no Ensino Fundam.)	NC1	NP07			192	192	160
	Estágio II (Prática no Ensino Médio)	NC2	NP08, NC1			288	288	240
	Trabalho de Conclusão de Curso	NC03				96	96	80
	Atividades Acadêmico-científico-culturais	NC04				240	240	200
	SUBTOTAL 9					816	816	680
TOTAL GERAL				160	1.990	2.026	4.016¹	3.334

Síntese da Carga Horária	CH Teórica	CH Prática	CH Total (Hora-Aula)	CH Total (Hora-Relógio)
Núcleo Básico (17,43%)	430	270	700	581
Núcleo Pedagógico (26,36%)	570	490	1.060	879
Núcleo Específico (35,81%)	1030	410	1.440	1.194
Núcleo Complementar (20,4%)	0	816	816	680
TOTAL GERAL	2.030	1.906	4.016	3.334

¹ A diferença de carga horária, na conversão final, ocorre em função dos arredondamentos por disciplina.

Legenda: NB = Núcleo Básico; NP = Núcleo Pedagógico; NE = Núcleo Específico; NC = Núcleo Complementar

As disciplinas da matriz curricular estão organizadas por Núcleo de formação no quadro a seguir. Observa-se que o Núcleo Pedagógico contempla 26,36% da carga horária total do curso, atendendo portanto ao artigo 11, inciso VI, parágrafo único, da Resolução 1/2002 do Conselho Nacional da Educação, que determina o extrato de um quinto do tempo de duração do curso para componentes curriculares relacionados à ação do magistério.

Quadro 4: Distribuição de disciplinas por Núcleo

Código	Núcleo Básico (abordagens do Parecer 1.302/2011/CNE)	CH (Hora-Aula)	CH (Hora-Rel.)
NB01	Fundamentos da Matemática I	100	83
NB02	Fundamentos da Matemática II	80	66
NB03	Fundamentos da Matemática III	80	66
NB04	Fundamentos da Matemática IV	80	66
NB05	Português Instrumental	60	50
NB06	Metodologia do Trabalho Científico	60	50
NB07	Física I	60	50
NB08	Física II	60	50
NB09	Física III	60	50
NB10	Desenho Geométrico	60	50
Subtotal 1 (17,43%)		700	581
Código	Núcleo Profissional/Pedagógico	CH (Hora-Aula)	CH (Hora-Rel.)
NP01	Filosofia da Educação e Ética Profissional	40	33
NP02	História da Educação	40	33
NP03	Sociologia da Educação	40	33
NP04	Didática Geral	80	66
NP05	Políticas Públicas e Legislação em Educação	60	50
NP06	Psicologia da Educação	60	50
NP07	Metodologia do Ensino da Matemática I	120	100
NP08	Metodologia do Ensino da Matemática II	120	100
NP09	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática	80	66
NP10	Avaliação da Aprendizagem	60	50
NP11	Educação Inclusiva	80	66
NP12	Metodologia do Ensino em EJA	60	50
NP13	Metodologia do Ensino em EAD	80	66
NP14	Libras	60	50
NP16	Oficina de Material Pedagógico	80	66

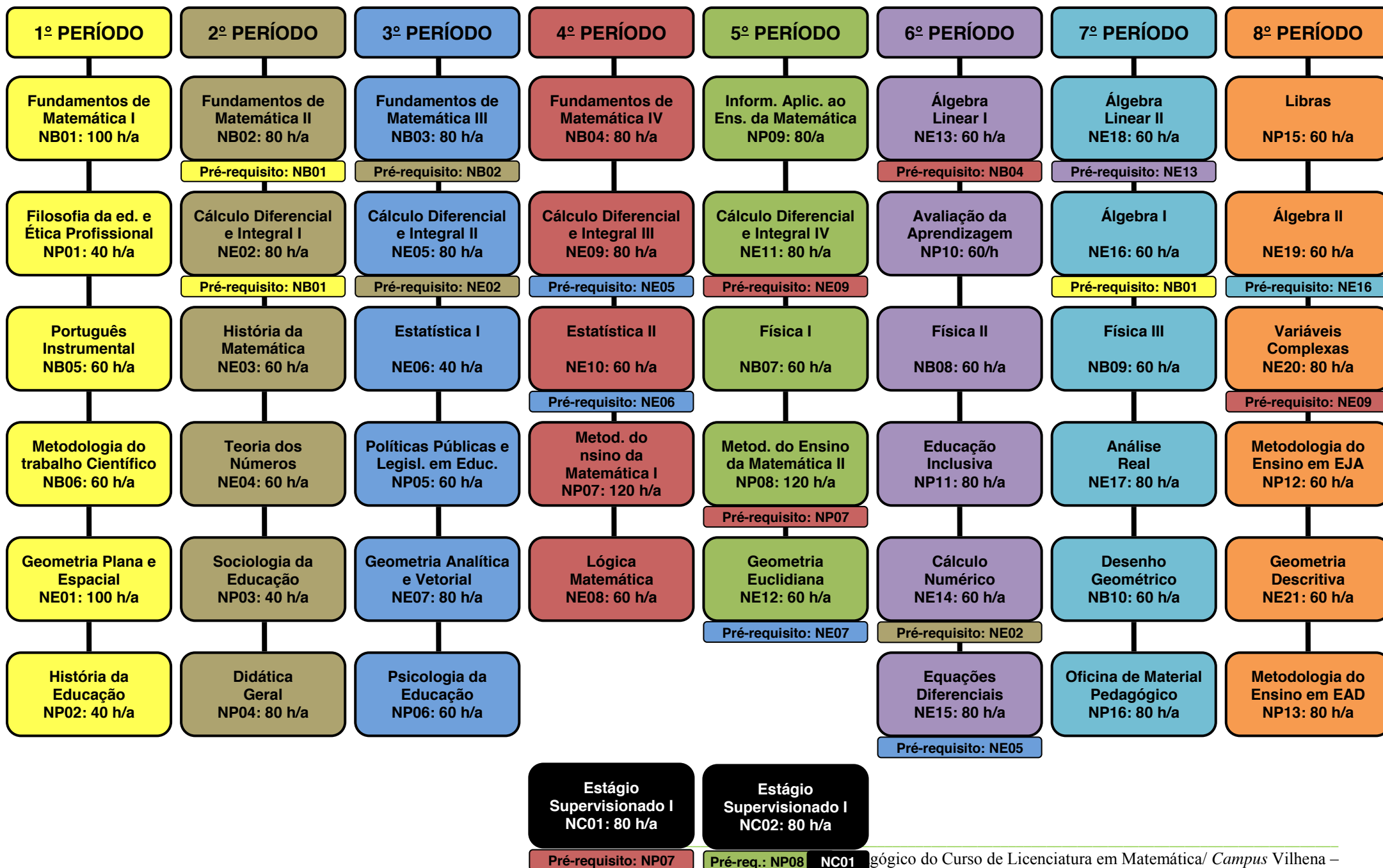
Subtotal 2 (26,36%)		1.060	879
Código	Núcleo Específico (Conteúdos Matemáticos)	CH (Hora-Aula)	CH (Hora-Rel.)
NE01	Geometria Plana e Espacial	100	83
NE02	Cálculo Diferencial Integral I	80	66
NE03	História da Matemática	60	50
NE04	Teoria dos Números	60	50
NE05	Cálculo Diferencial e Integral II	80	66
NE06	Estatística I	40	33
NE07	Geometria Analítica e Vetorial	80	66
NE08	Lógica Matemática	60	50
NE09	Cálculo Diferencial e Integral III	80	66
NE10	Estatística II	60	50
NE11	Cálculo Diferencial e Integral IV	80	66
NE12	Geometria Euclidiana	60	50
NE13	Álgebra Linear I	60	50
NE14	Cálculo Numérico	60	50
NE15	Equações Diferenciais	80	66
NE16	Álgebra I	60	50
NE17	Análise Real	80	66
NE18	Álgebra Linear II	60	50
NE19	Álgebra II	60	50
NE20	Variáveis Complexas	80	66
NE21	Geometria Descritiva	60	50
Subtotal 3 (35,81%)		1.440	1.194
Código	Núcleo Complementar	CH (Hora-Aula)	CH (Hora-Rel.)
NC01	Estágio I (Prática no Ensino Fundam.)	192	160
NC02	Estágio II (Prática no Ensino Médio)	288	240
NC03	Trabalho de Conclusão de Curso	96	80
NC04	Atividades Complementares (acadêmico-científico-culturais)	240	200
Subtotal 4 (20,4%)		816	680
Total		4.016	3.334

Fonte: IFRO/Campus Vilhena (2011)

O Núcleo Complementar contempla as ações de integração das teorias e práticas vivenciadas ao longo do curso, numa proporção de 20,4% da carga horária. Envolve o estágio, cujo foco é a extensão; o TCC, como atividade de pesquisa, construção, sistematização e difusão de conhecimentos; e as atividades acadêmicas complementares, de diversificação das

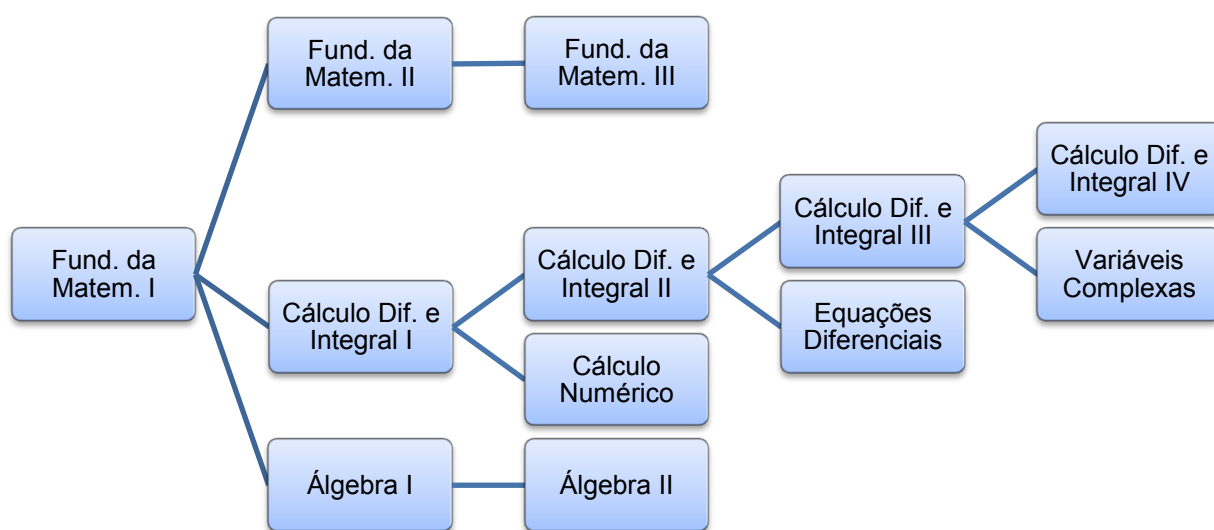
experiências de formação. O estágio está subdividido em duas partes, uma para a prática do cursista no Ensino Fundamental e outra relativa à prática no Ensino Médio.

3.2.2 Fluxogramas



As disciplinas cujos quadros estão marcados com pré-requisitos possuem interdependência e compreendem um itinerário formativo ao longo do curso. Seus conteúdos desdobram-se de forma integrada, em gradações e sequenciações adequadas à compreensão dos conceitos matemáticos, partindo-se do básico para o específico e do geral para o particular. O fluxograma suplementar, abaixo, demonstra essa interdependência.

Fluxograma 2: Parcial



A relação de pré-requisitos ocorre também entre Álgebra Linear I e II, que dependem de Fundamentos da Matemática IV; ocorre ainda entre Estatística I e II e entre Metodologia do Ensino da Matemática I e II. O Estágio desdobra-se em duas partes, cada qual fundamentada por uma dessas disciplinas de Metodologia, conforme o fluxograma geral.

3.3 PLANOS DE DISCIPLINA

Os planos de disciplina são indicadores prévios do que deve constar nos planos de ensino. Estão dispostos no apêndice deste projeto. Eles são a antecipação das ementas e referências de consulta a serem utilizados como indicadores de planejamento por área de formação.

Os planos de ensino, por disciplina, tomarão esses indicadores e acrescentarão os objetivos, metodologias, instrumentos pedagógicos e formas de avaliação. Serão apresentados antes do início dos períodos letivos, pelos professores, na Diretoria de Ensino, de acordo com

as diretrizes estabelecidas no Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação.

3.4 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

São previstas práticas na maioria dos componentes curriculares. Elas totalizam 1.906 horas. Essas práticas são fundamentais para o desenvolvimento de experiências de aplicação de teorias em práticas diversas, como as laboratoriais, de campo e outras. Dentre estas, destacam-se aquelas específicas, definidas sob a terminologia de Prática como Componente Curricular nas diretrizes do Conselho Nacional de Educação, especialmente na Resolução 2/2002, que prevê 400 horas para sua consolidação. Seu conceito é apresentado nos Pareceres 28/2001 e 15/2005, do mesmo Conselho. De acordo com o segundo Parecer (p. 3), “[...] a prática como componente curricular é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência”. Inclui, portanto, disciplinas de formação pedagógica, mas não aquelas específicas da área de formação abrangida pelo curso, conforme instrui o mesmo Parecer. No próximo quadro, há um demonstrativo da prática nas diversas disciplinas que a contemplam:

Quadro 5: Disciplinas que contemplam Prática como Componente Curricular

Código	Disciplina	Carga Horária Total			
		Teórica	Prática	Hora-Aula	Hora-Relógio
NP04	Didática Geral	40	40	80	66
NP05	Políticas Públicas e Legislação em Educação	40	20	60	50
NP06	Psicologia da Educação	40	20	60	50
NP07	Metodologia do Ensino da Matemática I	60	60	120	100
NP08	Metodologia do Ensino da Matemática II	60	60	120	100
NP09	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática	40	40	80	66
NP10	Avaliação da Aprendizagem	30	30	60	50
NP11	Educação Inclusiva	40	40	80	66
NP12	Metodologia do Ensino em EJA	30	30	60	50
NP13	Metodologia do Ensino em EAD	40	40	80	66
NP14	Libras	30	30	60	50
NP16	Oficina de Material Pedagógico	0	80	80	66
Total		450	490	940	780

Fonte: IFRO/Campus Vilhena

Tais práticas não se confundem com as de estágio. Estas são específicas e inter-relacionam estudo e trabalho, num tempo e espaço onde ocorrerá a formação em serviço; as práticas de carga horária parcial, dentro de componentes curriculares, correspondem às preparações dos alunos para a realização do estágio e às aplicações das teorias disciplinares. Elas permitem ao aluno vivenciar e desenvolver, ao longo de sua formação, estratégias para uma atuação mais segura em seu campo profissional. Podem incluir seminários, atividades de extensão (como visitas e excursões técnicas) e outras, a serem previstas nos planos de ensino dos professores. Convertidas, as 490 horas-aula do quadro totalizam mais de 408 horas.

3.5 ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR

O desenho curricular da Licenciatura em Matemática permite que sejam desenvolvidas estratégias que visem à integração entre ciência e tecnologia, trabalho e cultura, conhecimentos específicos e desenvolvimento da capacidade de investigação científica dos alunos durante seu itinerário formativo. Para isso, os Núcleos Curriculares poderão ser trabalhados por meio de projetos integradores ou eixos temáticos multi, inter e transdisciplinares, que congreguem os conteúdos comuns das disciplinas do curso. A Instituição se empenhará para formar um profissional capaz de desenvolver um trabalho reflexivo e criativo, fundamentado em bases conceituais e epistemológicas voltadas ao campo pedagógico e à área de conhecimento geral da atuação docente. Assim, a prática dos componentes curriculares poderá ser desenvolvida:

- 1) Dentro da própria disciplina, por meio de projetos ou planos disciplinares específicos;
- 2) Envolvendo mais de uma disciplina, por meio de projetos transdisciplinares, em que se trabalhem conteúdos de uma forma intercomplementar.

No segundo caso, a carga horária prática de uma disciplina pode ser unida com a carga horária prática de outra ou outras, por meio dos projetos integradores, de modo que haja uma intercomunicação de conteúdos que levem a uma formação mais contextualizada, ampla e significativa para o futuro professor da área.

Nesse processo de formação, é importante que o cursista seja preparado tendo em vista sua atuação como profissional do magistério, que irá atuar na Educação Básica e na Educação Profissional e Tecnológica, sem perder de vista as várias modalidades de atendimento — que

incluem a educação de jovens e adultos, educação a distância e a educação inclusiva — e as várias perspectivas de formação (educação para o trabalho, educação tecnológica, educação em pesquisa). Assim, as convergências de práticas pedagógicas devem se pautar em processos que capacitem o cursista para uma formação não estanque e sim focada nos princípios modernos de atuação do profissional da educação.

O curso admitirá matrícula especial de cursistas advindos de outra instituição, conforme o Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação e editais específicos de seleção. Admitirá ainda matrículas dos alunos do curso de Licenciatura em Matemática em turmas de outros cursos do IFRO, para cumprimento de disciplinas equivalentes em que haja retenção ou por necessidade de cumprimento de currículo em tempo hábil, nos casos permitidos pela Diretoria de Ensino, instruídos pela Coordenação do Curso e delimitados pelo Regulamento supracitado.

3.6 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Este Projeto pedagógico inclui atividades de caráter científico-cultural e acadêmico, aqui denominadas Atividades Complementares. Elas visam ao enriquecimento do processo formativo do futuro professor, com uma visão de totalidade do processo formativo. Buscam a complementação dos conhecimentos específicos e estritamente acadêmicos, em atividades como: seminários; participação em eventos científicos; visitas; ações de caráter técnico, científico, cultural e comunitário; produções coletivas; monitorias; projetos de ensino e pesquisa; aprendizado de novas tecnologias de comunicação e ensino, dentre outras atividades. O aluno deverá, ao longo do curso, somar 200 horas de atividades complementares, a serem desenvolvidas conforme a Instrução Normativa 8/2011, da Pró-Reitoria de Ensino.

Dentre as atividades complementares, devem ser previstas aquelas referentes a projeto ou projetos que tratem da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” e da “Educação das Relações Étnico-Raciais”, conforme instrui o Parecer 3/2004 do Conselho Nacional de Educação. Os projetos podem envolver semanas temáticas, pesquisas formais, intervenções no meio social interno ou externo ao *Campus*, dentre outras estratégias. A equipe multidisciplinar do *Campus*, orientada pelo Coordenador do Curso, deve prever as atividades que tratem do assunto antes do início do primeiro período letivo.

3.7 AVALIAÇÃO

A avaliação é entendida como uma atividade permanente e formativa, no sentido de seu principal objetivo: orientar intervenções no processo pedagógico a partir de diagnósticos de situação.

3.7.1 Avaliação do processo de Ensino e Aprendizagem

A avaliação do desempenho do aluno, elemento fundamental para acompanhamento e redirecionamento do processo de desenvolvimento de competências relacionadas com a habilitação profissional, será contínua e cumulativa. Possibilitará o diagnóstico sistemático do ensino-aprendizagem, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados obtidos ao longo do processo da aprendizagem sobre eventuais provas finais, conforme previsão na LDB 9.394/96. Será realizada da seguinte forma:

- a) Observação sistemática dos alunos, com a utilização de instrumentos próprios: fichas de observação, diário de classe, registro de atividades;
- b) Autoavaliação;
- c) Análise das produções dos alunos (relatórios, artigos, portfólio);
- d) Assiduidade e participação ativa nas aulas;
- e) Atividades específicas de avaliação (exame oral, escrito, entrevista, produção textual, realização de projetos e de relatórios próprios).

Para a avaliação do desempenho, deverão ser utilizados, em cada componente curricular, dois ou mais instrumentos de avaliação, elaborados pelo professor. Os demais critérios de avaliação da aprendizagem estão definidos no Regimento Geral do IFRO e no Regimento Interno do *Campus*, que atenderão, dentre outros, aos princípios relativos a notas e frequência.

3.7.2 Avaliação do curso

A avaliação de cursos é muito ampla e múltipla: envolve a avaliação da Coordenação, para o acompanhamento pedagógico e as intervenções de aprimoramento e correção; o trabalho da Comissão Própria de Avaliação, para diagnosticar as condições de desenvolvimento institucional; a avaliação do Ministério da Educação, para a validação da

oferta; a avaliação do Núcleo docente Estruturante, como suporte ao trabalho da Coordenação do Curso, especialmente quando à consolidação e melhoria do Projeto Pedagógico correspondente.

O Curso será avaliado por meio de um plano elaborado por sua Coordenação, alinhado com as diretrizes da Pró-Reitoria de Ensino. Envolverá a aplicação de instrumentos contendo questões que identifiquem o grau de satisfação dos agentes escolares e questões específicas que se refiram ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, em que constem pelo menos: objetivos do curso, perfil de formação, condições estruturais do *Campus*, acompanhamento dos alunos pela Coordenação do Curso, sistemáticas metodológicas e outros indicadores.

Após a coleta de indicadores, o coordenador realizará reuniões com professores, alunos e demais agentes formadores envolvidos, para discussão de resultados de avaliação prévia, definição de medidas de superação de problemáticas e planejamento de interferências.

Ademais, a Comissão Própria de Avaliação também realizará avaliações institucionais, cujos resultados serão aproveitados para as intervenções de melhoria nas condições de oferta do curso. Serão aproveitados ainda os resultados de avaliação do MEC, prevista no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. Os relatórios daí resultantes são importantes referenciais de diagnóstico das condições de oferta dos cursos.

3.8 PRÁTICA PROFISSIONAL

3.8.1 Estágio

O estágio se cumprirá na modalidade obrigatório, contemplando no mínimo 400 horas de prática, subdividido em Estágio I, voltado para o Ensino Fundamental, e Estágio II, voltado para o Ensino Médio. O estágio deverá ser realizado com atendimento à Lei 11.788/2008, que prevê assinatura de Termo de Compromisso Tripartite, orientação (por professor das áreas específicas do curso e supervisor do local de realização do estágio), avaliação, acompanhamento e apresentação de relatórios. A própria Instituição também poderá conceder vagas para estágio, neste caso cumprindo os princípios da Orientação Normativa nº 7/2008, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Os estágios estão previstos no artigo 61, parágrafo único, inciso II, da LDB 9.394/96. As formas de realização do estágio ocorrerão conforme o Regulamento próprio e o *Manual de Orientação ao Estagiário*, aprovados pelo Instituto Federal de Rondônia. Questões omissas nestes referenciais, relacionadas às condições de realização da prática no âmbito do *Campus*, poderão ser resolvidas pela Pró-Reitoria de Extensão e/ou de Ensino. Adiante-se que o cumprimento de estágio é requisito para a obtenção de diploma.

Os estágios devem ser iniciados a partir de 50% de conclusão das disciplinas pelo aluno interessado e encerrados até o prazo final de integralização do curso para este mesmo aluno. Não se aceitará, para fins de diplomação neste *Campus*, em hipótese alguma, que estágios sejam realizados em prazo posterior. O tempo de realização do estágio será acrescido à carga horária de formação do estagiário, nos documentos de diplomação.

O acompanhamento pedagógico do estágio será feito conforme a Instrução Normativa 7/2011, da Pró-Reitoria de Ensino, e os planejamentos internos.

3.8.2 Trabalhos de conclusão de curso

Os trabalhos de conclusão de curso (TCCs) consistem em práticas a serem desenvolvidas pelo aluno e orientadas por um professor formado em área compatível com a do curso. Envolvem elaboração de projeto, aplicação de pesquisa e produção de um artigo científico ou monografia, a ser defendida diante de banca examinadora. As normas constam no Regulamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação, instituído pelo IFRO.

As atividades de TCC devem ser iniciadas após a oferta da disciplina Metodologia do Trabalho Científico e a partir da conclusão, pelo aluno, de pelo menos 50% do conjunto de disciplinas da matriz curricular; ou antecipadamente, se houver complexidade de pesquisa que exija maior tempo de atividade do aluno até o prazo mínimo de integralização do curso.

Os TCCs consistem em oportunidades de aprofundamento de estudos e divulgação de conhecimentos científicos, bem como favorecem a que o aluno aperfeiçoe sua preparação para o mundo trabalho, no que se refere à pesquisa científica e ao desempenho de competências tecnológicas. Na prática, o professor orientador fará as instruções específicas, acompanhará os trabalhos do aluno e promoverá interações com os departamentos de pesquisa e extensão.

3.9 POLÍTICA DE INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O IFRO concebe o Curso de Licenciatura em Matemática em consonância com as diretrizes estabelecidas em seus documentos, programas e projetos institucionais. Por essa razão, o trajeto a ser seguido pelos acadêmicos nesse curso os levará a compreenderem e influenciarem no desenvolvimento local e regional, possibilitando a mudança da qualidade de vida da sociedade onde estão inseridos.

Assim, o fazer pedagógico desse curso evitará a separação entre ciência e tecnologia e entre teoria e prática, conceberá a pesquisa como princípio educativo e científico, e as ações de extensão como um instrumento de diálogo permanente com a sociedade. Para isso, organizará suas atividades de modo a incentivar a iniciação científica, atividades com a comunidade, a prestação de serviços e outras ações de participação ativa dentro de um mundo de complexa e constante integração.

O IFRO conta com políticas de pesquisa que envolvem a disponibilização de bolsas de pesquisa, cujo quantitativo é variável a cada ano em função das normas de sua disponibilização pelo Governo Federal. As formas de concessão são estabelecidas pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação.

As políticas de extensão dispõem recursos para o estabelecimento e o aprimoramento da relação entre o IFRO e as empresas e comunidades. Preveem credenciamentos para estágio, realização de visitas técnicas, formação continuada, convênios, consórcios e outras formas de inter-relação entre os ambientes institucionais e do setor produtivo, com vistas ao incremento da formação de professores; as políticas de extensão tratam ainda dos eventos formadores (cursos de curta duração, simpósios, seminários) complementares à especialização do profissional em formação nos cursos. Tais políticas, como as de pesquisa, são estabelecidas e reguladas pelas Pró-Reitorias correspondentes e executadas nos *campi* pelos departamentos que a elas se vinculam.

A tríade que sustenta o ensino em nível de graduação deve articular-se com harmonia. Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvem-se no Curso de Licenciatura em Matemática através das políticas e ações a serem implementadas pela instituição. Nos cursos de Licenciatura, os programas de Ensino, Pesquisa e Extensão oferecem aos estudantes a oportunidade de descobrir como a Matemática se relaciona com outros campos da Ciência

(Física, Química, Biologia) e como essas inter-relações são construídas e articuladas na prática docente.

3.9.1 Política de articulação com instituições de ensino

Dentre as principais políticas de articulação com instituições de ensino, públicas e privadas, destacam-se os termos de cooperação e respectivos credenciamentos para a prospecção de vagas de estágio no ambiente externo; em contrapartida, o IFRO, *Campus Vilhena*, realiza visitas técnicas, palestras, consultorias, acompanhamento de egressos e outras atividades de articulação não somente com as instituições de ensino, mas também com organizações sociais e membros de comunidade que possam envolver-se no desenvolvimento de projetos de melhoria da formação do licenciado e do desenvolvimento regional.

3.10 CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

Poderá acontecer aproveitamento de disciplinas, de acordo com a oferta do curso, levando-se em conta a realidade da instituição que as ofereceu e do IFRO, conforme as orientações contidas no Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação e a Instrução Normativa 1/2011, da Pró-Reitoria de Ensino.

3.11 DIPLOMAÇÃO

Após o cumprimento integral dos componentes curriculares que compõem o Curso de Licenciatura em Matemática, será conferido ao egresso o **Diploma de Licenciado em Matemática**. Só será concedido o Diploma de Habilitação ao aluno que concluir todos os componentes curriculares do curso, incluindo-se o Estágio, Trabalhos de Conclusão de Curso e Atividades Complementares.

4 EQUIPE DE PROFESSORES

A expansão institucional está relacionada ao crescimento quantitativo e qualitativo de seu quadro de profissionais. Assim, será necessária a liberação de concurso público para provimento de vagas, visando ao pleno atendimento para, de forma qualificada, ampliar-se a oferta de ensino. A seleção de docentes se dará a partir da publicação de edital de concurso público para os cargos disponíveis, após autorização do Ministério da Educação. A contratação será realizada conforme a disponibilidade de vagas, seguindo a ordem de classificação de candidatos no concurso e mediante autorização do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

4.1 REQUISITOS DE FORMAÇÃO

Os pré-requisitos de formação necessários para atuar no curso são aqueles estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e regulamentações do Ministério da Educação. No quadro a seguir, constam os requisitos mínimos para atuação docente no curso.

Quadro 6: Requisitos de formação por disciplina

Nº	Disciplinas	Áreas e Níveis de Formação
1	Álgebra I e II	Graduação em Matemática
2	Álgebra Linear	Graduação em Matemática
3	Análise Real	Graduação em Matemática
4	Avaliação da Aprendizagem	Graduação em qualquer Licenciatura ou em Pedagogia
5	Cálculo Diferencial e Integral I, II, III e IV	Graduação em Matemática
6	Cálculo Numérico	Graduação em Matemática
7	Desenho Geométrico	Graduação em Matemática
8	Didática Geral	Graduação em Pedagogia ou Licenciatura
9	Educação Inclusiva	Graduação em Pedagogia ou Licenciatura, com Especialização em Educação Inclusiva ou área correlata
10	Equações Diferenciais	Graduação em Matemática
11	Estatística I e II	Graduação em Matemática
12	Etnomatemática	Graduação em Matemática
13	Filosofia da Educação	Graduação em Filosofia
14	Física I, II e III	Graduação em Física,
15	Fundamentos da Matemática I, II, III e IV	Graduação em Matemática
16	Geometria Analítica Vetorial	Graduação em Matemática
17	Geometria Descritiva	Graduação em Matemática
18	Geometria Euclidiana	Graduação em Matemática
19	Geometria Plana e Espacial	Graduação em Matemática

20	História da Educação	Graduação em Pedagogia ou História
21	História da Matemática	Graduação em Matemática
Nº	Disciplinas	Áreas e Níveis de Formação
22	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática	Graduação em Informática ou Especialização em Informática na Educação
23	Libras	Graduação em Letras/Libras ou Letras/Libras — Língua Portuguesa; qualquer graduação associada com curso de proficiência em Libras; até 2015, admitem-se ainda formações de nível médio com proficiência em Libras, em todos os casos com base no artigo 7º do Decreto 5.626/2005
24	Lógica da Matemática	Graduação em Matemática
25	Metodologia do Trabalho Científico	Graduação em qualquer área de formação
26	Metodologia do Ensino da Matemática I e II	Graduação em Matemática
27	Metodologia do Ensino em EAD	Graduação em Informática
28	Metodologia do Ensino em EJA	Graduação em qualquer Licenciatura, com Especialização em EJA
29	Oficina de Material Pedagógico	Graduação em Matemática
30	Políticas Públicas e Legislação em Educação	Graduação em Pedagogia, Administração Escolar ou em áreas afins
31	Português Instrumental	Graduação em Letras/Língua Portuguesa
32	Psicologia da Educação	Graduação em Pedagogia
33	Sociologia da Educação	Graduação em Pedagogia, Sociologia ou Especialização em Educação.
34	Teoria dos Números	Graduação em Matemática
35	Variáveis Complexas	Graduação em Matemática

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

4.2 EQUIPE DOCENTE CONSTITUÍDA E ÍNDICES DE QUALIFICAÇÃO

A equipe foi constituída conforme a titulação requerida e a disponibilidade de profissionais do *Campus*. No anexo 1, consta o quadro desses profissionais e, no 3, os endereços de acesso aos seus currículos, dispostos na Plataforma Lattes. Abaixo, consta o demonstrativo de titularidade.

Quadro 7: Índices de titularidade dos docentes

Titulação	Qtde.	% do total	Na área do curso		Em outras áreas	
			Qtde.	% do total	Qtde.	% do total
Graduação	2	18	1	9	1	9
Especialização	6	55	3	27	3	27
Mestrado	2	18			2	18
Doutorado	1	9			1	9
Total	11	100	4	36	7	64

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

A formação em doutorado corresponde a 9% do quadro de docentes, e a de mestrado, a 18%; juntas, compreendem 27% da formação. Os índices de titulação em *lato* e *stricto sensu* tendem a se ampliar conforme as possibilidades previstas na política de capacitação de pessoal do IFRO.

4.3 POLÍTICA DE APERFEIÇOAMENTO, QUALIFICAÇÃO E ATUALIZAÇÃO

O IFRO é uma instituição que oferece cursos desde a educação básica até a pós-graduação *stricto sensu*. Tem, pois, como previsão, ampliar o leque de oferta de cursos de aperfeiçoamento e especialização, de modo a aproveitar as potencialidades de sua equipe e, por conseguinte, ampliá-las. A formação em nível de mestrado e doutorado é um requisito fundamental nas instituições com essa abrangência. No IFRO, os quadros de especialização devem ser implementados com a urgência decorrente da própria demanda social na região, que carece de formação superior para atuação nas áreas de educação, ciência e tecnologia.

A formação continuada, como política de ensino e de extensão, visa à ampliação do nível de escolaridade dos docentes e pessoal de apoio administrativo. Essa formação atenderá à Política de Capacitação de Servidores do IFRO, envolvendo tanto os cursos de elevação vertical dos níveis de escolaridade quanto aqueles que sejam complementares e específicos às necessidades apresentadas pontualmente.

Além dos cursos, são previstos, na mesma Política, a participação dos servidores em outros eventos formadores, como congressos, fóruns, simpósios, seminários, colóquios e diversas outras formas de encontro. A partir dos interesses demonstrados objetivamente pelos servidores, o IFRO tem investido nas logísticas de liberação e no custeio da participação de docentes, técnicos administrativos em educação e gestores nos eventos de formação locais, nacionais e internacionais.

5 ÓRGÃOS DE ACOMPANHAMENTO DE NATUREZA ACADÊMICA

Os órgãos de acompanhamento de natureza acadêmica são aqueles que trabalham no planejamento e orientação das atividades de suporte a serem desenvolvidas para a execução do curso.

5.1 COORDENAÇÃO DO CURSO

A Coordenação do Curso trabalhará em articulação com os demais setores de apoio para atendimento às necessidades dos estudantes e dos professores e conforme as demandas e características do curso. Será realizada por um profissional com elevado grau de formação, experiência profissional e acadêmica e disponibilidade de tempo para as atividades de avaliação, acompanhamento, instrução e apoio relacionadas ao curso. As competências do coordenador são, conforme prevê o Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação do IFRO:

- I- Acompanhar os processos de ensino e aprendizagem relativos ao curso, diagnosticando problemas ou oportunidades para a superação de problemáticas ou aperfeiçoamento educacional;
- II- Oferecer apoio logístico aos alunos e professores, dentro dos limites e possibilidades que forem estabelecidas pela Direção-Geral e pela Diretoria de Ensino;
- III- Fazer a revisão contínua e propor o aperfeiçoamento dos projetos de curso;
- IV- Orientar os acadêmicos quanto às matrículas e integralização do curso;
- V- Acompanhar as atividades de rotina do curso e tomar as providências necessárias para a garantia do cumprimento da carga horária, dos horários e da matriz curricular;
- VI- Coordenar a realização de eventos acadêmicos no âmbito do curso que representa;
- VII- Atender às orientações da Direção-Geral, da Diretoria de Ensino e da Coordenação de Apoio ao Ensino, no que se refere às práticas de suporte técnico e pedagógico para o desenvolvimento do curso;
- VIII- Praticar todas as ações necessárias ao cumprimento do projeto pedagógico do curso, tendo em vista este regulamento.

O currículo do orientador pode ser encontrado conforme o endereço disposto no anexo 3 deste projeto.

5.2 COLEGIADO

O Colegiado da Licenciatura em Matemática é um órgão consultivo que poderá deliberar sobre assuntos relativos a ensino e aprendizagem no âmbito do curso. É composto pelos seguintes membros:

- I- Diretor de Ensino, como presidente;
- II- Coordenador do curso;
- III- Coordenador de apoio ao ensino;
- IV- Todos os professores em atividade no curso;
- V- Um aluno regular do curso, escolhido, dentre os líderes de turma interessados na representação, pelo critério da melhor nota no conjunto das disciplinas cumpridas no período letivo anterior ao da escolha ou no último ano do curso de nível médio, quando a escolha for feita antes do final do primeiro período letivo do curso atual.

Suas competências, previstas no artigo 21 do Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação, são estas:

- I- Tomar conhecimento e analisar fatos relativos ao desenvolvimento de planos de ensino, às inter-relações durante as aulas e aos interesses e necessidades dos alunos e professores quanto ao processo de aplicação e estudo das disciplinas, e emitir parecer, sempre que necessário;
- II- Realizar diálogos interativos e democráticos para a compreensão das problemáticas educacionais e a apresentação de propostas de superação ou de aperfeiçoamento de processos, no âmbito de cada turma de alunos;
- III- Avaliar formativamente os rendimentos e frequência dos alunos relativos a períodos parciais e avaliações finais, conforme os casos submetidos a deliberação;
- IV- Propor a reformulação ou a extinção do curso de graduação que ele representa, bem como opinar a respeito de propostas relativas ao caso;
- V- Indicar os membros que comporão o Núcleo Docente Estruturante do curso que representa, quando houver dissidência;
- VI- Discutir e propor alternativas para a superação de problemáticas relativas a tudo o que consiste em interferência negativa nos processos de ensino e aprendizagem;
- VII- Discutir e propor estratégias de aproveitamento de oportunidades surgidas no âmbito interno ou externo do curso, como forma de potencializar e/ou aperfeiçoar o ensino e a aprendizagem;
- VIII- Discutir e deliberar a respeito de situações excepcionais relativas a ingresso e transferência de alunos, bem como em relação a outros casos relativos a ensino e aprendizagem;
- IX- Participar da elaboração ou reformulação do Regulamento dos Colegiados dos Cursos de Graduação oferecidos no IFRO;
- X- Estabelecer diálogos com os departamentos de pesquisa e de extensão e propor alternativas ou instruir medidas já aplicadas com o fim de favorecer ao desenvolvimento do curso;

- XI- Emitir parecer a respeito de questões submetidas pela Direção-Geral, Diretoria de Ensino ou pelos próprios membros do Colegiado.

Os procedimentos do Colegiado estão previstos no Regimento Geral (quais sejam os comuns aos de outros colegiados), no Regulamento supracitado, no Regimento Interno do *Campus* e, de forma específica, constarão no Regulamento dos Colegiados de Curso de Graduação do IFRO, assim que promulgado.

5.3 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante é composto pelo coordenador do curso, um pedagogo indicado pela Direção-Geral e pelo menos 30% dos professores que atuarão no curso, conforme estabelece o Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação. Os membros que o compõem foram apresentados no quadro 1, com suas respectivas titulações.

As competências do NDE, de acordo com o artigo 30 do Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação, são as seguintes:

- I- Elaborar, submeter a aprovação, implantar, supervisionar, acompanhar e consolidar o projeto pedagógico do curso que representa, conforme as diretrizes curriculares nacionais, as exigências do Ministério da Educação para aprovação dos projetos, o plano de desenvolvimento institucional e o projeto político-pedagógico do IFRO, além das orientações emanadas da Direção-Geral e da Diretoria de Ensino;
- II- Manter atualizadas, com o apoio de seus pares, as ementas, as referências de obras e fontes de consulta e outras partes constituintes do projeto pedagógico, bem como solicitar dos professores a atualização de seus planos de disciplina em consonância com o projeto;
- III- Acompanhar o processo do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e propor e/ou executar ações que garantam um nível de avaliação adequado ao que propõe o Ministério da Educação e o IFRO, no âmbito do curso que representa;
- IV- Orientar alunos e professores para a realização de pesquisa, atividades de extensão e produção de material científico, didático ou artístico, bem como participar dessas atividades;
- V- Atender a todas as necessidades de revisão e reformulação do projeto de curso;
- VI- Realizar todos os acompanhamentos relativos ao projeto e instruir em relação à execução das atividades previstas, inclusive no que se refere à inserção do projeto de curso na plataforma do MEC, contemplando todos os itens necessários;
- VII- Fazer a avaliação permanente do curso que representa.

O NDE deve produzir relatórios de avaliação e acompanhamento de atividades no âmbito do curso, para subsidiar a Diretoria de Ensino, Direção-Geral do *Campus*, Pró-Reitoria de Ensino, Reitoria e outros setores com informações necessárias às intervenções para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem e ao amplo planejamento do *Campus* em relação à licenciatura, incluindo-se a previsão de recursos, a disponibilidade de pessoal e as deliberações necessárias ao bom desenvolvimento do curso.

6 SETORES DE APOIO PEDAGÓGICO E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

O curso contará com o apoio de setores de apoio pedagógico e técnico-administrativo, comuns a todos os cursos do IFRO, mas com serviços especializados para o atendimento às demandas específicas da área de formação.

6.1 DIRETORIA DE ENSINO

Articula-se com a Direção-Geral e com os demais setores de manutenção e apoio ao ensino para o desenvolvimento das políticas institucionais de educação. Delibera a respeito de programas, projetos e atividades de rotina, conforme competências descritas no Regimento Interno do *Campus* e as instruções da Direção-Geral; organiza, executa e distribui tarefas referentes ao desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.

a) Coordenação de apoio ao ensino

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino; presta apoio ou exerce atividade de orientação a professores e alunos, no que tange a elaboração, tramitação, organização, recebimento e expedição de documentos referentes ao ensino profissionalizante médio; controla materiais e recursos didáticos disponibilizados aos docentes e acadêmicos deste nível de ensino; com auxílio de uma equipe de pedagogos e técnico em assuntos educacionais, atua junto ao ensino técnico nas modalidades ofertadas, para prestar apoio pedagógico aos alunos e professores.

b) Coordenação de assistência ao educando

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino e à Coordenação de Apoio ao Ensino; presta informações a todos de direito no que se refere às notas obtidas nas etapas; oferece orientação a alunos quanto a aproveitamento, frequência, relações de interação e outros princípios voltados para o bom desenvolvimento dos estudos. Tem ainda como serviços específicos:

- ¶ **Serviço social:** prestará assistência ao aluno em relação aos aspectos sócio-econômicos, que envolvem: construção do perfil sócio-econômico dos que ingressam no IFRO; levantamento de necessidades; elaboração de planos de apoio financeiro que envolvam, por exemplo, bolsa-trabalho e bolsa-monitoria; realização de outras atividades de atendimento favorável à permanência do aluno no curso e ao seu bem-estar;
- ¶ **Serviço de psicologia:** atenderá aos alunos em relação aos aspectos psicológicos, por meio de orientações, estudos de caso, diagnósticos e atendimentos de rotina.

c) Coordenação de registros acadêmicos

É um setor de registro, acompanhamento, informação e controle de notas, frequência e outros dados relativos à vida escolar do aluno, incluindo-se trâmites para expedição de diplomas.

d) Coordenação de biblioteca

Registra, organiza, cataloga, informa, distribui e recolhe livros e outras obras de leitura; interage com professores, alunos e demais agentes internos ou externos para o aproveitamento das obras da biblioteca no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem e/ou da formação geral.

e) Coordenação de TCCs

A Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso orienta e faz os acompanhamentos pedagógicos dos TCCs desenvolvidos no âmbito de todos os cursos, com apoio dos coordenadores e professores. Suas competências estão estabelecidas em Regulamentos específicos.

6.2 DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO

Orienta os agentes das comunidades interna e externa para o desenvolvimento de projetos de extensão, considerando a relevância dos projetos e a viabilidade financeira, pedagógica e instrumental do *Campus*; participa de atividades de divulgação e aplicação dos projetos, sempre que oportuno e necessário; oferece orientação vocacional aos alunos.

Por meio da Coordenação de Integração entre Escola, Empresa e Comunidade, cumpre as atividades de rotina relativas a estágio (levantamento de vagas de estágio, credenciamento de empresas, encaminhamento ao mercado de trabalho, etc.), desenvolve planos de intervenção para conquista do primeiro emprego, acompanha egressos por meio de projetos de integração permanente, constroi banco de dados de formandos e egressos, faz as diligências para excursões e visitas técnicas, dentre outras funções.

Em geral, o Departamento de Extensão apoia a Administração, a Diretoria de Ensino e cada membro das comunidades interna e externa no desenvolvimento de projetos que favoreçam ao fomento do ensino e da aprendizagem. Usa como estratégia a projeção, a instrução, a logística, a intermediação e o *marketing*.

6.3 DEPARTAMENTO DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Atende às necessidades da Instituição também de forma articulatória, relacionando a pesquisa e a inovação com as atividades de ensino; responde pela necessidade de informação, organização e direcionamento das atividades afins, atentando-se para as novas descobertas e o desenvolvimento de projetos de formação e aperfeiçoamento de pessoas e processos.

Por meio da Coordenação de Pesquisa e Inovação, trabalhará com programas de fomento, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e outros, e projetos específicos de desenvolvimento da pesquisa, realizados no âmbito interno ou não, envolvendo apenas os alunos e professores ou também a comunidade externa.

6.4 SETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

É um setor que trabalha pela automação e desenvolvimento de sistemas nos mais diversos níveis e segmentos, envolvendo: Gestão da Rede Nacional de Educação Profissional

e Tecnológica (EPT) dos Institutos Federais; Observatório Nacional do Mundo do Trabalho; EPT Virtual; Portal Nacional de EPT; EPT Internacional; Acessibilidade Virtual; Controle Acadêmico (responsável pelo controle da documentação do aluno), dentre outros programas, sistemas e processos.

6.5 NÚCLEO DE ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS

Os alunos que se encontrarem com alguma necessidade que implique em dificuldade extraordinária para a sua permanência no curso poderão contar com o serviço de apoio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas — NAPNE. Dentre as principais atividades previstas, podem ser citadas a possibilidade de oferta de instrumentos especiais para pessoas com deficiência física (órteses, próteses, equipamentos para a superação de baixa visão ou baixa audição), o desenvolvimento de ações para a superação de barreiras arquitetônicas, atitudinais e pedagógicas, a criação e aplicação de estratégias para a garantia da educação inclusiva e a articulação com órgãos públicos, empresas privadas, grupos comunitários, organizações não governamentais e outros grupos ou pessoas que possam atuar em favor da inclusão. Informações mais completas podem ser conferidas no projeto de implantação do Núcleo.

7 INFRAESTRUTURA

O *Campus* está em processo de expansão de sua infraestrutura, com garantia dos ambientes e recursos para a realização do curso. Os setores de atendimento possuem equipamentos e mobiliários adequados, além de pessoal de apoio para a manutenção e organização dos espaços e instrumentos de trabalho.

7.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA E RECURSOS MATERIAIS

A infraestrutura física compreende laboratórios, salas de aula, quadras esportivas, auditórios e diversos outros espaços formadores, nos quais são utilizados recursos materiais atualizados e adequados à formação específica. Os investimentos em recursos de hipermídia, por exemplo, têm favorecido à melhoria das expectativas quanto à operacionalidade dos planos de ensino.

7.1.1 Distribuição do espaço físico

O *Campus* Vilhena, por ofertar vários cursos, vem diversificando os seus espaços formadores e, ao mesmo tempo, utilizando-os de forma multidisciplinar. Por isso, são preparados para oferecer, quando possível, uma interface entre os cursos. As principais dependências encontram-se apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 8: Estrutura física básica do *Campus* Vilhena

Dependências	Quantidade	Total em m ²
Salas de Aula	12	780
Biblioteca	1	264,75
Sala de Professores (com gabinetes de trabalho)	1	49,2
Laboratório de Informática	3	147,6
Secretaria	1	49,2
Sala de Direção Geral	1	17,8
Sala da Chefia de Gabinete	1	23
Sala do Departamento de Ensino	1	49,2
Sala da Coordenação de Apoio ao Educando	1	100
Sala da CGP	1	19,35
Sala do Departamento de Extensão	1	49,2
Sala do Departamento de Pesquisa	1	49,2
Sala de Planejamento e Administração	1	49,2
Auditório	1	208,4
Mini Auditório	1	100
Banheiros Masculinos	6	102,6
Banheiros Femininos	6	102,6

Laboratórios Multidisciplinares	2	130
Cantina	1	49,2
Total	43	2340,5

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

7.1.2 Recursos de hipermídia para salas de aula

As salas de aula serão equipadas, no mínimo, com computador interligado a data show e acesso a Internet. Em alguns casos, TV e DVD ficarão à disposição para uso dos acadêmicos e professores. Os recursos materiais para uso em sala de aula estão elencados de forma simplificada no próximo quadro.

Quadro 9: Recursos de hipermídia para uso dos docentes e discentes

Item	Descrição	Quantidade
1	Data show	3
2	TV	2
3	Aparelho de DVD	1
4	Computadores (da sala dos professores)	3
5	Computadores (Biblioteca)	4

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

Além dos recursos de hipermídia, o *Campus* disponibilizará referenciais de consulta, cópias reprográficas e outros subsídios para a realização das atividades de ensino e aprendizagem.

7.2 ACESSIBILIDADE ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS

A superação das barreiras é um dos desafios do *Campus*, e não só as arquitetônicas, mas também as atitudinais e pedagógicas. No plano da infraestrutura, facilitará o acesso e permanência das pessoas com necessidades educacionais especiais, no sentido de lhes garantir a autonomia relativa.

7.2.1 Acessibilidade para pessoas com deficiência física

O *Campus* tem por um de seus princípios atentar-se a todos e a cada um conforme os interesses e necessidades apresentados. O acesso das pessoas com deficiência física ou

mobilidade reduzida, nos âmbitos de formação, será garantido. Este acesso é favorecido por passagens de pedestres, percursos de entrada e de saída de veículos, banheiros adaptados, escadas e rampas adequados à acessibilidade.

Nas áreas externas e internas da edificação, destinadas a garagem e a estacionamento de uso público, são reservadas vagas próximas dos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência com dificuldade de locomoção. Pelo menos um dos acessos ao interior da edificação é livre de barreiras arquitetônicas e de obstáculos que impeçam ou dificultem a acessibilidade de pessoa com deficiência física ou mobilidade reduzida. Os locais de espetáculos, conferências, aulas e outros de natureza similar dispõem de espaços reservados para pessoas que utilizam cadeira de rodas, e de lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva e visual, inclusive acompanhante, de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação.

O Instituto fomentará programas e desenvolverá projetos destinados a especializar recursos humanos em acessibilidade, para facilitar a comunicação, o acesso e a permanência no *Campus*.

7.2.2 Acessibilidade para alunos com deficiência visual

Talvez uma das maiores dificuldades enfrentadas pela pessoa com deficiência visual resida na falta de uma compreensão social mais profunda a respeito das reais implicações da cegueira e da baixa visão. Por isso é necessário capacitar os educadores para atuarem com competência específica, a fim de proporcionar à pessoa com deficiência a oportunidade de desenvolver-se, construir autonomia, participar de processos sociais, conscientizar-se de si mesma.

É frequente encontrarem-se níveis baixos de expectativa com relação ao rendimento acadêmico do deficiente visual. Esse fato muitas vezes é motivado pelo desconhecimento ou pouca atenção às diferenças. Existe a falsa concepção de que a deficiência visual provoca sempre a dificuldade de aprendizagem e até mesmo déficit intelectual. Estudos têm mostrado que a potencialidade mental do indivíduo não é alterada pela deficiência visual. O seu nível “funcional”, entretanto, pode ser reduzido pela restrição de experiências. Mas quando recebe uma formação adequada às suas necessidades, a pessoa com deficiência é capaz de minimizar os prejuízos decorrentes das dificuldades ou carência de visão (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

A ausência de estimulação ou “restrição de experiências” pode ameaçar o desenvolvimento regular do processo educativo, principalmente naqueles aspectos relacionados às habilidades que envolvam a utilização dos canais visuais, tais como aspectos ligados às áreas de aquisição de conceitos, orientação, mobilização e controle do ambiente. O instituto deverá contar com recursos humanos e físicos para o atendimento às necessidades específicas, pois compreende-se que não pode negligenciar o desenvolvimento integral de todas as pessoas. Utilizará técnicas e recursos específicos fundamentais ao êxito e eficácia do processo do ensino e da aprendizagem, incluindo-se leitura e escrita pelo sistema Braille. Esse atendimento será possível especialmente a partir de investimentos autorizados e fomentados pelo Governo Federal.

7.2.3 Acessibilidade para alunos com deficiência auditiva

Todas as diferenças devem ser tratadas com prioridade durante o desenvolvimento do curso. A deficiência auditiva, em todas as suas formas, se considerada no âmbito das conceituações a respeito de linguagem, levará ao reconhecimento das possibilidades de superação.

A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas [...]. A linguagem, prova clara da inteligência do homem, tem sido objeto de pesquisa e de discussões. Ela tem sido “um campo fértil” para estudos referentes à aptidão lingüística, tendo em vista a discussão sobre falhas decorrentes de danos cerebrais ou de distúrbios sensoriais, como a surdez (INES, 2010).

Os processos de comunicação realizados pelas pessoas surdas ou com baixa audição possuem peculiaridades que ampliam o horizonte de interpretação a seu respeito. Portanto, o tratamento que se prevê para elas envolve paradigmas ou princípios de diferenciação fundamentais para um melhor atendimento.

Os indivíduos que ouvem parecem utilizar, em sua linguagem, os dois processos: o verbal e o não verbal. A surdez congênita e pré-verbal pode bloquear o desenvolvimento da linguagem verbal, mas não impede o desenvolvimento dos processos não-verbais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

As pessoas surdas, por limitação sensorial, que as impede de adquirir “naturalmente” a língua oral, lançam mão de formas alternativas de apropriação da linguagem, com o uso de processos cognitivos e simbólicos visuais. Deve-se ter claro que a linguagem e o pensamento são processos interdependentes e desenvolvem-se mutuamente, alimentando um ao outro.

A principal função da linguagem é a de intercâmbio social; no entanto constituir sistema simbólico, que nos permite o pensamento generalizante, ordenando e categorizando dados da realidade, conceitualmente, é que a torna base do pensamento (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006b, p. 73).

É preciso ter uma visão global do sujeito para melhor atendê-lo: “Se tomarmos apenas a linguagem oral como requisito para o desenvolvimento do pensamento, veremos que muitos surdos apresentarão, generalizadamente, problemas de comunicação, conceituação, abstração, memória e raciocínio lógico” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006). Além da língua de sinais, diferentes formas de comunicação que utilizam outros códigos visuais deverão estar presentes na sala de aula, beneficiando a relação entre professor/alunos surdos e demais alunos. Exemplos que poderão ser utilizados:

alfabeto manual - é um recurso utilizado pelos surdos para ‘soletrar’ nomes próprios ou palavras do português para as quais não há equivalente em língua de sinais. [...]

mímica/dramatização - são recursos possíveis na comunicação, que poderão acompanhar ou enriquecer os conteúdos discutidos em sala de aula e que, embora não exerçam a função simbólica de uma língua, dão conta de constituir significados mais relacionados ao aqui e agora.

desenhos/ilustrações/fotografias - poderão ser aliados importantes, pois trazem, concretamente, a referência ao tema que se apresenta. Toda a pista visual pictográfica enriquece o conteúdo e estimula o hemisfério cerebral não-linguístico, tornando-se um recurso precioso de memorização para todos os alunos.

recursos tecnológicos (vídeo/TV, retroprojeto, computador, slides, entre outros) - constituem instrumentos ricos e atuais para se trabalhar com novos códigos e linguagens em sala de aula. A preferência deve ser por filmes legendados, pois isto facilita o acompanhamento pelos surdos. [...]

língua portuguesa escrita - apresenta-se como uma possibilidade visual de estar representando as informações veiculadas em sala de aula. O professor poderá estar organizando um roteiro do conteúdo a ser abordado, com palavras-chave, no quadro ou no projetor, recorrendo, sempre, a seus apontamentos como forma de organizar sua explanação. [...]

língua portuguesa oral/leitura labial - a língua oral desenvolvida com os surdos até hoje é baseada, fundamentalmente, no treino fonoarticulatório e na estimulação auditiva. Como consequência, apenas uma pequena parcela de alunos surdos (não mais que 20%, segundo as pesquisas) puderam apresentar realmente a possibilidade de comunicação oral. [...] (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 75)

Entende-se que há uma infinidade de recursos de que professores e alunos podem usufruir para potencializar o seu trabalho. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) consiste numa oportunidade inalienável para a expressão e o desenvolvimento da cidadania.

As línguas de sinais devem ter o mesmo *status* das línguas orais, uma vez que se prestam às mesmas funções: podem expressar os pensamentos mais complexos, as idéias mais abstratas e as emoções mais profundas, sendo adequadas para transmitir informações e para ensinar. São tão completas quanto as línguas orais e estão sendo estudadas cientificamente em todo o mundo. Coexistem com as línguas orais, mas são independentes e possuem estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 76).

É impossível promover a inclusão, considerando-se qualquer necessidade especial, sem o investimento de cada qual nos domínios requeridos pelas diferenças das pessoas com os quais se envolve. “Na sala de aula, a interação deverá estar estruturada de modo a estimular o intercâmbio e a valorização das idéias, o respeito por pontos de vista contraditórios e a valorização da pluralidade e da diferença” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 99).

O Instituto se adequará para contar com serviços de apoio pedagógico especializado, seja de professores intérpretes, seja de equipes multidisciplinares (psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos, orientadores educacionais, entre outros), que prestam serviço complementar ao atendimento educacional, ofertado pelos Centros de Atendimento Especializado, públicos e privados, ou pela própria Instituição.

7.3 INFRAESTRUTURA DE INFORMÁTICA

O *Campus* conta com dois laboratórios de informática, equipados com 21 computadores cada um. São abertos aos estudantes de segunda a sexta-feira, do período matutino ao noturno, com intervalos de fechamento para troca de funcionários.

Estes ambientes são destinados às aulas e pesquisas livres dos alunos. Os professores interessados em usar esses ambientes agendam seus horários em planilhas, que são coordenadas pelos funcionários e estagiários.

A entrada e permanência de alunos são controladas por meio de listas de presença. Não é permitido o acesso a conteúdos não educacionais, como jogos e sites de relacionamentos, salvo sob orientação dos professores. Os softwares instalados são aqueles

solicitados pelo pessoal administrativo e professores. Está prevista a instalação de novos softwares específicos, conforme as necessidades de cada curso.

Quadro 10: Especificações de cada laboratório de informática.

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA			
Área (m²)		m² por estação	
49,2		3,87	
		m² por aluno	
		1,29	
Softwares			
Item	Especificações		
1	Auto CAD 2011 Versão Educacional		
2	Microsoft Office 2007 (Excel, Word, PowerPoint)		
3	Oracle Virtual Box		
4	Diversos (Adobe Reader PDF, BrOffice 3.3, Dev-C ++, Dia, VisualG, VP Suite, Python)		
Hardwares			
Item	Especificações	Unidade	Quantidade
1	Computador (Estudante)	Unidade	20
2	Computador (Professor) e administrativo	Unidade	1

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

O *Campus* conta inicialmente com servidores técnico-administrativos para prestar apoio nos laboratórios de informática, com formação adequada ao atendimento e tempo disponível para tal. Eles se incumbirão de auxiliar os professores na utilização de equipamentos, oferecerão suporte de atendimento para as aulas e outras atividades acadêmicas, bem como atenderão a outras demandas encaminhadas pelos setores do *Campus*.

7.4 INFRAESTRUTURA DE LABORATÓRIOS ESPECÍFICOS À ÁREA DO CURSO

A existência de laboratórios equipados é essencial para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, na prática. Estes laboratórios estarão com os equipamentos básicos necessários e o material de consumo disponível para as experiências, além de bancadas, banquetas/cadeiras, equipamentos específicos, quadro branco, computador interligado ao data show e acesso a internet, dentre outros requisitos. As especificidades de cada laboratório do curso constam no quadro a seguir.

Quadro 11: Relação de laboratórios utilizados no curso e seus objetivos

Ambiente	Descrição
Laboratório de Matemática	É um espaço onde se realizam experiências, desenvolvem-se novas técnicas de ensino e aprendizagem e se relacionam os conteúdos teóricos com a prática, enfatizando as construções geométricas e proporcionando atividades lúdicas.
Laboratório de Física	Laboratório estruturado com o objetivo de possibilitar aos acadêmicos interação com o concreto, por meio de atividades práticas aliadas ao uso da tecnologia, dando prioridade às áreas de Física.
Laboratório de Informática	Laboratório estruturado para o ensino das operações básicas da computação, tais como: sistema operacional, suíte de escritório, navegação na internet.

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

Os professores e alunos contarão com o suporte de técnicos de laboratório para a execução das ações de ensino e aprendizagem nestes setores.

7.5 BIBLIOTECA

A biblioteca contém as bibliografias básicas dos campos de ação acadêmicos do curso, com acesso via internet aos portais de periódicos da CAPES e de outras instituições. Para o melhor aproveitamento dos estudos, o acervo deverá conter a média mínima de um exemplar da bibliografia básica para cada cinco alunos do curso, além daqueles da bibliografia complementar.

O espaço físico é suficiente para o atendimento de todos os alunos do *Campus*. Conta com ambientes para reuniões e orientações; dispõe de mobiliários para a organização dos referenciais bibliográficos de uma forma lógica e de fácil alcance; possui iluminação, climatização e móveis adequados à acomodação dos alunos.

São oferecidos os seguintes serviços: apoio bibliográfico ao desenvolvimento das atividades estudantis, como empréstimo de livros, manuais e revistas; catalogação eletrônica; sistemas de informação de usuários e navegação *online* destinada ao acesso de periódicos, revistas, portais educacionais, etc.

7.5.1 Acervo

As ementas dos planos de disciplinar que constam no apêndice deste projeto trazem uma lista de bibliografias básica e complementar que estarão presentes na Biblioteca do

Campus. Haverá ainda vários outros materiais, citados ou não, voltados para a área, nas mais diversas mídias, como CDs, DVDs, arquivos virtuais e outros.

Compete à Coordenação do Curso manter um levantamento atualizado dos referenciais de consulta da biblioteca para a Licenciatura em Matemática e propor as ações de implementação e complementação de acervo.

Ao final de cada ano, serão conferidos os títulos e volumes dos livros destinados ao curso. Periodicamente, os professores revisarão as referências de suas disciplinas e apresentação propostas de atualização.

7.6 EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA

Para atender ao curso de Licenciatura em Matemática, o *Campus* conta com investimentos em equipamentos para segurança e bem estar dos alunos, como lâmpadas de emergência, extintores, hidrantes e etc.

7.7 RECURSOS DIDÁTICOS E DE SUPORTE

O *Campus* possui equipamentos que favorecem ao desenvolvimento de aulas dinâmicas, criativas, interativas, modernas e construtivistas, como aparelhos de data show, TV, computadores e outros. Os equipamentos estão descritos nos Planos de Trabalho dos Laboratórios dos Cursos e em outros documentos de controle de infraestrutura.

8 EMBASAMENTO LEGAL

Dentre os documentos legais mais importantes e recorrentes para a orientação da prática educacional, constam os que seguem. Mas devem ser considerados ainda outros já existentes ou a serem criados e homologados, bem como os que sejam parâmetro para a atividade do licenciado e dos profissionais que atuam no acompanhamento e controle acadêmico e pedagógico do *Campus*.

8.1 DOCUMENTOS DA LEGISLAÇÃO NACIONAL

- a) Lei 11.788/08: dispõe sobre o estágio;
- b) Lei 11.892/08: cria os Institutos Federais;
- c) Lei 9.394/96: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- d) Parecer CNE 1.302/2001: define as diretrizes da formação em Matemática;
- e) Parecer CNE 9/2001: esclarece sobre as atividades acadêmico-científico-culturais;
- f) Pareceres CNE 28/2001 e 15/2005: esclarece sobre a Prática como Componente Curricular;
- g) Resolução CNE 1/2002: “Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”;
- h) Resolução CNE 2/2002: “Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior”;
- i) Resolução CNE 3/2003: institui as diretrizes da formação em Matemática.

8.2 NORMATIVAS INTERNAS

- a) Regimento Geral;
- b) Regimento Interno do *Campus*;
- c) Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação;
- d) Instrução Normativa 1/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: trata do ingresso dos alunos de outras instituições por meio de apresentação de transferência;

- e) Instrução Normativa 3/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: da antecipação de disciplinas da matriz curricular do curso;
- f) Instrução Normativa 4/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: do aproveitamento de estudos;
- g) Instrução Normativa 5/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: do ingresso para portadores de diploma;
- h) Instrução Normativa 6/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: do excedente de vagas;
- i) Instrução Normativa 7/2011 da Pró-Reitoria de Ensino: do acompanhamento pedagógico de estágios;
- j) Regulamento do Estágio nos Cursos de Graduação;
- k) Regulamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) nos Cursos de Graduação.

Outras normativas e legislações nacionais, embora não listadas acima, deverão ser respeitadas na oferta do curso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 1.301/2001**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1301_01.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2011, às 20:54h.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução 1/2002**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução 2/2002**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Ines. **A linguagem e a surdez**. Disponível em <http://www.ines.gov.br/ines_livros/30/30_PRINCIPAL.HTM>. Acesso em 24 de novembro de 2010, às 18:32 h.

_____. Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. **Contribuições para o processo de construção dos cursos de licenciatura dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia**. Disponível em <http://www.ifsudeste.edu.br/institucional/documentosInstitucionais/downloads/contribuicoes_licenciatura.pdf> Acesso em 15 de novembro de 2009, às 20 horas.

_____. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. 2. ed. Brasília: MEC/SEE, 2006a. 116 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão).

_____. Presidência da República. **Decreto 5.154/2004**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em 5 de março de 2009, às 17:10 h.

_____. Presidência da República. **Decreto 88.438/1983**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D88438.htm>. Acesso em 20 de maio de 2011, às 20:56h.

_____. Presidência da República. **Lei 11.788/2008**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm>. Acesso em 5 de março de 2009, às 17:25 h.

_____. Presidência da República. **Lei 11.788/2008**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

_____. Presidência da República. **Lei 11.892/2008**. Disponível em <<http://www.leidireto.com.br/lei-11892.html>>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

_____. Presidência da República. **Lei 6.684/1979**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6684.htm>. Acesso em 20 de maio de 2011, às 20:55h.

_____. Presidência da República. **Lei 9.394/1996**. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/19394.htm>>. Acesso em 5 de março de 2009, às 17:20 h.

_____. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. 2. ed. Brasília: MEC/SEE, 2006b. 208 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão).

O GLOBO. **Faltam 250 mil professores no país, diz MEC**. In: APRENDIZ, <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/educadores/noticias/ge280503.htm#1>>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

Rondônia. Secretaria de Estado da Educação. **Editais de Concurso Público nº 022/GDRH/SEAD, de 11 fevereiro de 2008**. Disponível em <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/secretaria-de-estado-da-educacao-ro-3740-vagas>>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

RUIZ, A. I.; RAMOS, M. N.; HINGEL, M. **Escassez de professores no ensino médio**: propostas estruturais e emergenciais. Brasília: MEC, 2007.

APÊNDICE: EMENTAS DAS DISCIPLINAS

I Semestre

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA				
Disciplina	Fundamentos da Matemática I			Código	NB01
Carga horária semestral	100		Carga horária semanal	5	
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	I
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Teoria dos conjuntos. Funções polinomiais do 1º e 2º graus. Função modular. Função composta e função inversa. Função exponencial e logarítmica.					
Referências Básicas					
ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Osvaldo.; IEZZI, Gelson. Matemática: Ciência e Aplicações . v. 1. São Paulo: Atual, 2006.					
IEZZI, Gelson. DOLCE, Oswaldo. MURAKAMI, Carlos. Fundamentos da Matemática Elementar: Logaritmos . v. 2, 9. ed., São Paulo: Atual, 2004.					
IEZZI, Gelson. MURAKAMI, Carlos. Fundamentos da Matemática Elementar: Conjuntos, Funções . v. 2, 8. ed., São Paulo: Atual, 2004.					
Referências Complementares					
DANTE, Luiz Roberto. Matemática: Contexto e Aplicações — 1ª série, 2º grau. São Paulo: Ática, 2001.					
IEZZI, Gelson. Fundamentos da Matemática Elementar: Conjuntos, Funções . São Paulo: Atual, 2005.					
GENTIL, Nelson. Matemática para 2º Grau . Vol. 1. São Paulo: Ática, 1993.					
MACHADO, Antonio dos Santos. Matemática: Temas e Metas — Conjuntos Numéricos e Funções . Volume 1. São Paulo: Atual, 1998.					
PAIVA, Manoel. Matemática . Volume Único. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Base Matemática).					

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Filosofia da Educação e Ética Profissional		Código	NP01
Carga horária semestral	40	Carga horária semanal	2	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	I
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Definição, importância e utilidade da filosofia na educação. Fundamentos filosóficos da Ciência e da Matemática. Introdução às teorias filosóficas da educação à luz dos autores clássicos e contemporâneos. A explicitação dos pressupostos dos atos de educar, ensinar e aprender em relação a situações de transformação cultural da sociedade. O debate de temas relacionados ao conhecimento, ao meio ambiente, à linguagem, à realidade, à cultura e à ética na formação profissional.				
Referências Básicas				
CHAUI, Marilena. Convite à filosofia . 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.				
FRANCISCO FILHO, Geraldo. A educação brasileira no contexto histórico . Campinas: Alínea, 2001.				
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa . 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Coleção Leitura).				
Referências Complementares				
PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes . 20. ed. São Paulo: Cortez, 2003.				
FERRY, Luc; VINCENT, Jean-Didier. O que é o ser humano?: sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia . Rio de Janeiro: Vozes, 2011.				
SEVERINO, A. J. Filosofia da Educação. Construindo a cidadania . São Paulo: FTD, 1994.				
BENEDETI, Marcel. Todos os Animais Merecem o Céu . Guarulhos: Mundo Maior, 2006.				
ALBOM, Mitch. A última grande lição: o sentido da vida . Rio de Janeiro: Sextante, 2006.				

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA				
Disciplina	Português Instrumental			Código	NB05
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal		3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	I
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Linguagem e comunicação. Funções da linguagem. Gêneros e tipologias textuais. Coerência e coesão. Intelecção textual. Redação científica. Pontuação. Concordâncias. Regências.					
Referências Básicas					
ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 2008.					
ANDRADE, Maria Margarida. Noções básicas para Língua Portuguesa. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.					
CHAMADOIRA, João B. Neto. Língua portuguesa: pensando e escrevendo. São Paulo: Atlas, 1998.					
Referências Complementares					
CALKINS, Luciy McCormick. A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento. São Paulo: Artes Médicas, 1989.					
CAMPEDELLI, Samira Yousseff. Produção de textos & usos da linguagem. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2000.					
CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva. 5. Ed. São Paulo: Vozes, 2000.					
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.					
GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Belo Horizonte: FGV, 2000.					

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Metodologia do Trabalho Cientifico		Código	NB06
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	I
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Ciência e outras formas de conhecimento. Prática e estratégias de leitura e anotações. Trabalhos de disciplinas, relatórios de visitas técnicas e de apresentações orais. Seminários. Projeto de pesquisa. Publicações científicas. Designs de pesquisa. Conceitos, hipóteses e variáveis. Coleta e interpretação de dados. Experimentação. Pesquisa bibliográfica. Estrutura e redação de textos científicos dissertativos: resumos, relatórios, monografias, artigos científicos. Apresentação gráfica do texto e referências bibliográficas. Normas da ABNT.				
Referências Básicas				
AMATO, Alexandre Campos Moraes; MORAIS, Irany Novah. Metodologia da Pesquisa Científica . Roca – Brasil, 2008. LEITE, Francisco Tarciso. Metodologia Científica: Métodos e Técnicas de Pesquisa (Monografia, Dissertações, Teses e Livros) . Ideias & Letras, 2008. OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de; MELO, Carina. Metodologia da Pesquisa Científica . Visual Books, 2008.				
Referências Complementares				
COSTA, Marco Antônio F. da. Metodologia da Pesquisa: Conceitos e Técnicas . Local: Interciência, 2009. FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de. Método e Metodologia na Pesquisa Científica . Local: Yendis, 2006. MICHEL, Maria Helena. Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais . São Paulo: Atlas, 2009. PEREIRA, José Matias. Manual de Metodologia da Pesquisa Científica . São Paulo: Atlas, 2010. RAMOS, Albenides. Metodologia da Pesquisa Científica: Como uma Monografia pode abrir o horizonte do conhecimento . Atlas, 2009.				
PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Geometria Plana e Espacial		Código	NE01

Carga horária semestral	100	Carga horária semanal	5
Disciplina(s) pré-requisito(s)	Código(s)		
Nenhuma	Semestre		I
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Geometria Plana: Semelhança de triângulos; triângulos retângulos; triângulos quaisquer; equivalência plana; áreas de superfícies planas. Principais figuras geométricas planas. Geometria Espacial: paralelismo; perpendicularismo e aplicações; poliedros convexos; prisma; pirâmide; cilindro; cone; esfera; inscrição e circunscrição de sólidos.			
Referências Básicas			
BARBOSA, Joao Lucas Marques. Geometria Euclidiana Plana . Rio de Janeiro: SBM, 2004.			
GARCIA, Antônio Carlos De Almeida. Matemática sem Mistérios: Geometria Plana e Espacial . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.			
RESENDE, Eliana Quelho Frota; QUEIROZ, Maria Lúcia R. de. Geometria euclidiana plana e construções geométricas . 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.			
Referências Complementares			
IEZZI, Gelson. Fundamentos da Matemática Elementar: Geometria Espacial . v. 10. São Paulo: Atual, 2004			
MACHADO, Antônio dos Santos. Matemática: Áreas e Volumes . v. 4. São Paulo: Atual, 1998.			
POMPEU, José Nicolau; DOLCE, Osvaldo. Fundamentos de Matemática Elementar: Geometria Plana . v. 9. São Paulo: Atual, 2005.			
CARVALHO, C. P. Paulo. Introdução À Geometria Espacial . São Paulo: SBM, 2002. [ou edição mais recente]			
IEZZI, Gelson; MACHADO, Antônio dos Santos; DOLCE, Osvaldo. Geometria Plana –Conceitos Básico –Volume Único –Conforme a Nova Ortografia . Atual, 2008.			

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		História da Educação		Código	NP02
Carga horária semestral		40	Carga horária semanal		2
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	I
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Fundamentos da História da Educação: na antiguidade, na modernidade e na contemporaneidade. As bases da educação e da escola no Brasil no período colonial e no Império. Fundamentos históricos da educação e da escola no Brasil republicano. Evolução dos sistemas de ensino no Brasil. Valores culturais e modelos educacionais. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. A demanda social por educação na década de 30. Reformas educacionais no contexto brasileiro. Educação e Estado Novo. O movimento de Educação Popular no Brasil. Tendências e problemáticas da educação contemporânea.					
Referências Básicas					
FRANCISCO FILHO, Geraldo. A educação brasileira no contexto histórico . Campinas, SP: Ed. Alínea, 2001.					
FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa . 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005, (Coleção Leitura).					
GHIRALDELLI Jr., Paulo. Três estudos em Historiografia da educação . Ibitinga/SP: Editora Humanidades, 1993.					
Referências Complementares					
LOPES, Eliane M. Teixeira; Júlio Afrânio Peixoto. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. (Orgs.). Dicionário de Educadores no Brasil da colônia aos dias atuais . Brasília: MEC/INEp.					
LOPES, Eliane Marta Teixeira. Perspectivas históricas da educação . 4. Ed. São Paulo: Ática, 2002.					
LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Educação . Rio de Janeiro: DP&A, 2001.					
MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.					
MORIN, E. A religação dos saberes: o desafio do século XXI . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.					

II Semestre

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Fundamentos da Matemática II		Código	NB02
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NB01
Fundamentos da Matemática I			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Proporções. Regra de três. Matemática financeira básica. Progressões aritméticas e geométricas.				
Referências Básicas				
GUELLI, Cid A., IEZZI, Gelson e DOLCE, Oswaldo. Trigonometria . Moderna: São Paulo, 2003. IEZZI, Gelson. Fundamentos da Matemática Elementar: Trigonometria . v. 3. São Paulo: Atual, 2004. ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Oswaldo.; IEZZI, Gelson. Matemática: Ciência e Aplicações . v. 2. Atual, 2006.				
Referências Complementares				
BARRETO F., Benigno. Matemática Aula por Aula: Trigonometria . São Paulo: FTD, 2009. MACHADO, Antonio dos Santos. Matemática: Temas e Metas — Trigonometria e Progressões . Volume 2. São Paulo: Atual, 1986. MOYERS, Robert E.; AYRES JR., Frank. Trigonometria . Bookman, 2003. (Coleção Schaum). PAIVA, Manoel. Matemática . Volume Único. Moderna, 2003. (Coleção Base Matemática.) SILVA, Felipe Ferreira Da. et. al. Matemática para o ensino médio . v. 1. Belo Horizonte: Do Brasil. 2010.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Cálculo Diferencial e Integral I		Código	NE02
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NB01
Fundamentos da Matemática I			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Limite e continuidade de funções. Derivada. Interpretação geométrica da derivada. Regras de derivação. Aplicações da derivada na física, engenharia e afins.				
Referências Básicas				
GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. Um curso de Cálculo . v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica . v. 1. 3. ed. São Paulo: HARBRA, 1994. SALAS, Saturnino L.; HILLE, Einar; ETGEN, Garret J. Cálculo . 9ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.				
Referências Complementares				
AVILA, Geraldo. Cálculo das funções de uma variável . 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. THOMAS JR., George B. et al. Cálculo . 10ª ed. Sao Paulo: Pearson Addison Wesley, 2002. GIORDANO, Weir Hass; THOMAS, George B. Cálculo . v. 1. 11. ed. Pearson Education, 2008. HOFFMANN, Laurence D. Cálculo: Um Curso Moderno e Suas Aplicações . Rio de Janeiro: LTC, 2002. AYRES, Frank. Cálculo Diferencial e Integral . São Paulo: Makron Books, 1994.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	História da Matemática		Código	NE03
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Origens primitivas dos números e da Geometria. A matemática egípcia, mesopotâmica, grega e árabe. A matemática na Idade Média. A matemática, do Renascimento à Revolução Industrial e do Pré-modernismo ao Modernismo. A matemática no Brasil. A etnomatemática. Contribuições de personalidades negras no desenvolvimento da Matemática.				
Referências Básicas				
ARAGÃO, Maria José. História da Matemática . Rio de Janeiro: Interciência, 2009.				
BERLINGHOFF, William P.; GOUVÊA, Fernando Q.. A Matemática Através dos Tempos . Rio de Janeiro, 2008.				
BOYER, Carl B. História da matemática . 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.				
Referências Complementares				
EVES, Howard. Introdução a História da Matemática . Campinas: UNICAMP, 2004.				
LINTZ, Rubens G. História da matemática . Blumenau: FURB, 1999.				
MIGUEL, Antônio. História da Matemática em Atividades Didáticas . São Paulo: Livraria da Física, 2004.				
SILVA, Clóvis Pereira da. A Matemática no Brasil: Uma História do seu desenvolvimento . Curitiba: UFPR, 1992.				
EVES, Howard. Introdução à história da matemática . 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2002				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Teoria dos Números		Código	NE04
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Números inteiros. Indução matemática. Somatório e produtório. Divisibilidade. M.D.C. Algoritmo de Euclides. M.M.C. Números primos. Equações diofantinas lineares. Congruência.				
Referências Básicas				
COUTINHO, Severino Coullier. Números inteiros e criptografia RSA . Rio de Janeiro: IMPA, 2005.				
SANTOS, José Plínio de Oliveira. Introdução à Teoria dos Números . Coleção Matemática Universitária. Rio de Janeiro: IMPA, 2000.				
LANDAU, Edmund. Teoria Elementar dos Números . Coleção Clássicos de Matemática. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2002.				
Referências Complementares				
BROCHERO Martínez, Fabio, et. al. Teoria dos Números: um passeio com primos e outros números familiares pelo mundo inteiro . IMPA, 2010.				
FIGUEIREDO, Djairo Guedes de. Números Irracionais e Transcendentes . SBM: Brasília, 1980.				
SALAHODDIN S., MARCUS S. & HEMAR, Godinho. Teoria dos Números . Editora UnB, 1999.				
FILHO, Edgard de Alencar. Introdução a Teoria dos Números . São Paulo. Editora Nobel, 1987.				
SANTOS, José Plínio de Oliveira. Introdução à Teoria dos Números . Rio de Janeiro: IMPA, 2007.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Sociologia da Educação		Código	NP03
Carga horária semestral	40	Carga horária semanal	2	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
A educação como fato social, processo social e reprodução de estruturas sociais. A produção das desigualdades sociais e a desigualdade de oportunidades educacionais. Formas de seleção e organização dos conhecimentos escolares. Autores clássicos das Ciências Sociais (Durkheim, Weber e Marx). A educação na sociedade globalizada inserida no modelo neoliberal. A relação dialética entre Escola, Estado e as Sociedades Política e Civil. As decisões políticas do Estado Capitalista e a educação como política social. O Estado e as relações saber X poder. A educação popular e a educação ambiental na escola pública. Integração do homem com o meio através da educação. O sentido dos impactos ambientais para as comunidades locais, globais e em rede. Multiculturalismo: diferença de classe, etnia e gênero. Análise das relações sociais e raciais na escola. Marcos históricos dos movimentos em favor da inclusão de negros e índios nos projetos educacionais. Colaboração de personalidades negras e indígenas nos processos de inclusão.				
Referências Básicas				
SILVA, Fábila Geisa Amaral. Apresentando e Analisando as Causas da Violência Escolar . São Paulo: Edgard Blucher, 2008.				
DEMO, Pedro. Sociologia da educação - sociedade e suas oportunidades . Brasília/DF: Plano Editora, 2004.				
ALENCAR, Chico; GENTILLE, Pablo. “ Educar na esperança em tempos de desencanto ”. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.				
Referências Complementares				
ANTUNES, Celso. Professor bonzinho = aluno difícil. Disciplina e indisciplina em sala de aula . Fascículo 10; Na sala de aula. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.				
DURKHEIM, E. Educação e sociologia trad. Nuno Garcia Lopes Lisboa: Edições 70, 2007.				
ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. “ Fomos maus alunos ”. 7 ed. Campinas: Papirus, 2003.				
MARRIEL, Lucimar C. ET AL. Violência escolar e auto-estima de adolescentes . São Paulo: Caderno de pesquisa, v. 36, nº 127, jan/abr, 2006.				
VALLE, I. R. “A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável ” in: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, nº 1, p. 117-134, jan/abr 2007.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Didática Geral		Código	NP04
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	II
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Fundamentos epistemológicos, socioculturais, psicológicos e ético-políticos da prática pedagógica docente e sua vinculação com a prática social mais ampla. As relações entre ensino e pesquisa. A práxis didática: currículo escolar, planejamento educacional e avaliação da ação pedagógica; projetos inter e transdisciplinares. Avaliação da aprendizagem. Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática. Diretrizes da Educação Básica.				
Referências Básicas				
CASTRO, Amélia Domingues de e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2002. HAYDT, R. C. Curso de didática geral . 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. LIBÂNEO, J. C. Didática . São Paulo: Cortez, 1994.				
Referências Complementares				
CANDAU, V. M. (Org.). A didática em questão . Petrópolis: Vozes, 2000. CUNHA, M. I. da. O bom professor e sua prática . 5. ed. Campinas: Papirus, 1999 FAZENDA, Ivani (Org.). Didática e interdisciplinaridade . 9. ed. Campinas: Papirus, 2005.				

LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-etodológicos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
 CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Diferentes perspectivas da profissão docente**. Vitória: EDUFES, 2002.

III Semestre

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Fundamentos da Matemática III			Código NB03
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Trigonometria no triângulo Retângulo. Trigonometria na circunferência. Funções Trigonômicas. Transformações trigonométricas. Funções trigonométricas inversas.				
Referências Básicas				
ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Osvaldo.; IEZZI, Gelson. Matemática: Ciência e Aplicações . v. 3. Atual, 2006. DANTE, Luiz Roberto. Matemática: Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2008. DOLCE, Osvaldo; IEZZI, Gelson; Outros; DEGENSZAJN, David. Matemática . São Paulo: Atual, 2007.				
Referências Complementares				
GENTIL, Nelson. Matemática para 2º Grau . v. 3. São Paulo: Ática, 1998. IEZZI, Gelson. Fundamentos de Matemática Elementar: Seqüências, Matrizes, Determinantes, Sistemas . São Paulo: Atual, 2004. IEZZI, Gelson. Fundamentos da Matemática Elementar: Complexos, Polinômios e Equações v. 6. Atual, 2005. MACHADO, Antônio dos Santos. Matemática Temas e Metas: Sistemas Lineares e Combinatória . v. 3. PAIVA, Manoel. Matemática . Moderna, 2003.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Calculo Diferencial e Integral II			Código NE05
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE02
Cálculo Diferencial e Integral I			Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Conceito de integral: práticas e técnicas de integração. Integral definida: propriedades e aplicações. Funções trigonométricas e suas inversas. Funções Logarítmicas, exponenciais e hiperbólicas.				
Referências Básicas				
LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica . v. 1.3ª edição. São Paulo: Harbra, 2001. SALAS, Saturnino L.; HILLE, Einar; ETGEN, Garret J. Cálculo . 9ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. THOMAS JR., George B. et al. Cálculo . 10. ed. Sao Paulo: Pearson Addison Wesley, 2002.				
Referências Complementares				
ÁVILA, Geraldo Severo de Souza. Cálculo das Funções de uma Variável . 7ªedição. São Paulo. LTC. 2003. GIORDANO, Weir Hass; THOMAS, George B. Cálculo. Volume 1 . Pearson Education, 11ª edição, 2008. LAURENCE D. Hoffmann &Gerald L. Bradley. Cálculo: Um curso moderno e suas aplicações . 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. ROMANO, Roberto. Cálculo Diferencial e Integral: Funções de uma Variável . São Paulo: Atlas, 1983. STEWART, J. Cálculo . v. 1. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.				

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		Estatística I		Código	NE06
Carga horária semestral		40	Carga horária semanal		2
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
A natureza da estatística. Fundamentos do método estatístico. Bases do método estatístico. População e amostra. Séries estatísticas. Apresentação gráfica. Distribuição de frequência.					
Referências Básicas					
CRESPO, Antônio Arnot. Estatística Fácil . São Paulo: Saraiva, 2001.					
GELSON Iezzi. Fundamentos da Matemática Elementar: Combinatória, Binômio, Probabilidade . São Paulo: Atual, 2006.					
CAMPOS, Weber.; CARVALHO, Sérgio. Estatística Básica Simplificada: Teorias e mais de 200 questões comentadas . Rio de Janeiro: Campus, 2008.					
Referências Complementares					
BUSSAB, Wilton de O. & MORETTIN, Pedro A. Estatística Básica . 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.					
FONSECA, Jairo Simon & MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de Estatística . São Paulo: Atlas, 2000.					
NAZARETH, Helenalda. Curso básico de estatística . 12º ed. São Paulo: Ática, 2000.					
MEYER, Paul L. Probabilidades: Aplicações à Estatística . 2. ed. Rio de Janeiro: LLTC, 2006.					
LIPSCHULTZ, Seymour. Probabilidade . São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1990.					

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		Geometria Analítica e Vetorial		Código	NE07
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal		4
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Equação da reta, teorema angular, distâncias. Equação da circunferência. Equações canônicas das cônicas. Lugar geométrico. Segmentos orientados. Vetores. Combinações lineares. Bases canônicas: R^2 e R^3 . Pontos interno, vetorial e misto. Retas, planos e suas equações. Superfícies cônicas. Rotação e translação. Identificações cônicas e quadráticas.					
Referências Básicas					
BOULOS, Paulo; CAMARGO, Ivan de. Geometria analítica: um tratamento vetorial . 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2005.					
CORREIA, Paulo Sérgio Quielli. Álgebra Linear e Geometria Analítica . Interciência, 2006.					
IEZZI, Gelson. Fundamentos de Matemática Elementar: Geometria Analítica , v. 7. São Paulo: Atual, 2005.					
Referências Complementares					
HAZZAN, Samuel. Fundamentos de Matemática Elementar –Geometria Analítica –Volume 7 . Atual, 2005.					
REIS, Genésio e SILVA, Valdir. Geometria Analítica . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1997.					
WINTERLE, Paulo. Vetores e Geometria Analítica . São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.					
LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica . 3ª edição. São Paulo: HARBRA, 2001.					
SIMMONS, G. Cálculo com geometria analítica . v. 2. São Paulo: Makron Books, 1996.					

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Políticas Públicas e Legislação em Educação	Código	NP05
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	
Nenhuma		Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
LDB: implicações no Ensino Fundamental e Médio. A política, a legislação e as tendências para a educação básica, profissional e tecnológica. Modelos organizacionais de escolas e formas de gestão. Princípios e características da gestão escolar participativa. Profissionais da educação: formação, carreira e organização política. Sistemas de ingresso nas escolas públicas: cotas, ENEM, SisU. Políticas de favorecimento a sujeitos passíveis de exclusão. Novo Plano Decenal de Educação.			
Referências Básicas			
BRASIL. Presidência da República. Lei de diretrizes e bases da educação nacional . Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm >. Acesso em 5 de dezembro de 2011. DUARTE, Adriana e OLIVEIRA, Dalila Andrade. Políticas públicas e educação . Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. RONCA, Antônio Carlos Caruso e RAMOS, Mozart Neves. Da CONAE ao PNE 2011-2020: contribuições do Conselho Nacional de Educação . São Paulo: Moderna, 2010.			
Referências Complementares			
BASSALO, Lucélia (Coord.). Conselhos Escolares: uma experiência de democratização da educação e de enfrentamento do analfabetismo escolar na Amazônia . Projeto de Extensão. Belém: Unama, 2007. LUCK, Heloisa et al. Concepções e processos democráticos de gestão educacional . Petrópolis: Vozes, 2006. (Série Cadernos de Gestão). MARTINS, José do Prado. Gestão educacional: uma abordagem crítica do processo administrativo em educação . 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007. OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). Gestão democrática da educação: desafios contemporâneo . 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (org.). Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens . Petrópolis: Vozes, 2005.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Psicologia da Educação	Código	NP06
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	
Nenhuma		Semestre	III
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
A Psicologia na educação e na escola; Determinantes do comportamento: as diversas abordagens; Psicologia do Desenvolvimento: aspectos cognitivo, social e afetivo da adolescência e da idade adulta. Crescimento e desenvolvimento; Aprendizagem: mecanismos e suas dificuldades. Principais teorias de aprendizagem de base empirista, racionalista e interacionista. Diferenças individuais. Motivação e desempenho Escolar. Ajustamento Social e pessoal. Interação professor/aluno: dinâmica da sala de aula. Questões de relacionamento: racismo, discriminação, intolerância, preconceito, estereótipo, exotismo, colonialismo. Identidade e diferença.			
Referências Básicas			
BAETA, Anna Maria. Psicologia da Educação . Mauad, 2006. CARRARA, Kester. Introdução à Psicologia da Educação: Seis abordagens . Avercamp, 2004. CUNHA, Marcos Vinícius da. Psicologia da Educação . Lamparina, 2008.			
Referências Complementares			
BRITO, Márcia R. F. Psicologia da Educação: Matemática — Teoria e Pesquisa . Insular, 2004. GOULART, Iris Barbosa. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos, aplicações à prática pedagógica . Petrópolis: Vozes, 2001. LARROSA, Jorge. Psicologia e Educação –O Significado do Aprender . Edipucrs, 2007. MONTROYA, Adrian Oscar Dongo. Contribuições da Psicologia para a Educação . Mercado de Letras, 2008.			

PATTO, M. H. **Introdução à Psicologia de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

IV Semestre

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Lógica Matemática		Código	NE08
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	IV
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Proposições. Conectivos. Operações lógicas. Construções de tabela verdade. Tautologias, contradições e contingências. Implicação e equivalência lógica. Sentenças abertas. Quantificadores.				
Referências Básicas				
FILHO, Edgard de Alencar. Iniciação à Lógica Matemática . Nobel, 2000.				
MACHADO, Nilson José. Lógica? É Lógico! –col. Vivendo a Matemática . Scipione, 2002.				
TUPYNAMBA, Geraldo A. C.. A Ciência e a Mente –Crítica do Conhecimento Científico com Base na Física, Matemática e Lógica . Coopmed Editora Médica, 2006.				
Referências Complementares				
BISPO, Carlos Alberto F.; CASTANHEIRA, Luzia; FILHO, Oswaldo Melo S.. Introdução à Lógica Matemática . São Paulo: Cengage Learning, 2011.				
EPSTEIN, Richard L.; CARNIELLI, Walter. Computabilidade, Funções computáveis, Lógica e os Fundamentos da Matemática . São Paulo: Unesp, 2004.				
FÁVARO, Sílvio; FILHO, Osmir Kemeteuk. Noções de Lógica e Matemática Básica . São Paulo: Ciência Moderna, 2004.				
FILHO, Osmir Kmeteuk; FÁVARO, Sílvio. Noções de Lógica e Matemática Básica . São Paulo: Ciência Moderna, 2005.				
SANT’ANNA, Adonai S.. O que é um axioma –Série Lógica Matemática . Manole, 2004.				

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		Fundamentos da Matemática IV		Código	NB04
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal		4
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	IV
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Matrizes. Determinantes. Sistemas lineares. Análise combinatória. Binômio de Newton. Polinômios.					
Referências Básicas					
ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Osvaldo.; IEZZI, Gelson. Matemática –Ciência e Aplicações –Volume 3 . Atual, 2006.					
IEZZI, Gelson. HAZZAN, Samuel. DEGENZAJN, David. Fundamentos da matemática elementar - vol. 41. ed. Atual, 2004.					
DANTE, Luiz Roberto. Matemática – Contexto e Aplicações – Volume Único – Conforme a Nova Ortografia . Ática, 2008.					
Referências Complementares					
MACHADO, Antônio dos Santos. Matemática Temas e Metas –Sistemas Lineares e Combinatória – volume 3 .					
PAIVA, Manoel. Matemática –Volume Único –Coleção Base Matemática . Moderna, 2003.					
IEZZI, Gelson. Fundamentos de Matemática Elementar: Seqüências, Matrizes, Determinantes, Sistemas . Atual, 2004.					
DOLCE, Osvaldo; IEZZI, Gelson; Outros; DEGENSZAJN, David. Matemática – Volume Único . Atual, 2007.					

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Cálculo Diferencial e Integral III	Código	NE09
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	NE05
Cálculo Diferencial e Integral II		Semestre	IV
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Funções com duas ou mais variáveis. Limite e continuidade. Derivadas parciais e direcionais. Taxa de variação associada a problemas de Ciências e Engenharia. Interpretação geométrica do gradiente, rotacional e divergente. Plano tangente. Reta normal em relação a uma superfície. Extremos de funções com aplicações.			
Referências Básicas			
MUNEM, Mustafá. A. Cálculo. Volume 2 . São Paulo. LTC, 1982. GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. Um Curso de Cálculo . v. 3. 5. ed. São Paulo: LTC, 2003. AYRES JUNIOR, Frank. Cálculo . Bookman, 2007.			
Referências Complementares			
ÁVILA, Geraldo Severo de Souza. Cálculo das Funções de Múltiplas Variáveis . v. 3. Rio de Janeiro: LTC, 2006. GIORDANO, Weir Hass; THOMAS, George B. Cálculo . v. 2. 11. Ed. São Paulo: Pearson Education, 2008. LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica Volume 2 . 3ª edição. São Paulo: HARBRA, 2001. LAURENCE D. Hoffmann & Gerald L. Bradley. Cálculo: Um curso moderno e suas aplicações . 7. ed. São Paulo: LTC, 2002. ROMANO, Roberto. Cálculo Diferencial e Integral: Funções de uma Variável . São Paulo: Atlas, 1983.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Estatística II	Código	NE10
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	NE06
Estatística I		Semestre	IV
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Medidas de posição. Medidas de dispersão e variabilidade. Medidas de assimetria e curtose. Probabilidade. Distribuição binomial e normal. Correção e regressão. Números-índices.			
Referências Básicas			
BUSSAB, W. O., MORETTIN, P. A. Estatística Básica . São Paulo: Saraiva, 2008. FONSECA, J. S. da, MARTINS, G. de A., TOLEDO, G. L. Estatística aplicada . Atlas, 1995. NOVAES, D.V., SILVA, C.Q. S. Estatística para Educação Profissional . Editora Atlas, 2009			
Referências Complementares			
BEIGUELMAN, B. Curso prático de Bioestatística . 5. ed. Ribeirão Preto: Funpec, 2002. IEZZI, G., HAZZAN, S. DEGENSZANJ, D. Fundamentos de Matemática Elementar: Matemática Comercial, Financeira, Estatística . v. 11. São Paulo: Atual, 2004. FONSECA, J. S. da, MARTINS, G. de A. Curso de estatística . Atlas, 1995. MARTINS, Gilberto de Andrade, Estatística Geral e Aplicada , 2 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002 VIEIRA, Sônia; HOFFMAN, Rodolfo. Elementos de Estatística . 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.			

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Metodologia do Ensino da Matemática I		Código	NP07
Carga horária semestral		120	Carga horária semanal	6
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhum			Semestre	IV
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Ensino da Matemática e desenvolvimento cognitivo. Conceitos e usos de recursos didáticos nas aulas de Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental. Metodologias e instrumentos de avaliação em Matemática no Ensino Fundamental. Integração entre a Matemática e os temas transversais. Ludicidade no ensino e aprendizagem da Matemática no Ensino Fundamental. Orientação sobre o estágio na área de Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental. Plano de ensino e de aula.				
Referências Básicas				
BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: matemática . Brasília: MEC/EF, 1997.				
CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensinar a Ensinar . Gengage Learning, 2001.				
D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Educação Matemática: Da Teoria à Prática . Papirus, 2000.				
Referências Complementares				
ARAÚJO JUNIOR, Carlos Fernando. Ensino de Ciências e Matemática . Andross, 2006.				
AUTORES DIVERSOS. Ensino Fundamental: Conteúdos, Metodologias e Práticas . Alínea, 2009.				
BRENELLI, R. P. – O jogo como espaço para pensar: a construção de noções lógicas e aritméticas Papirus Editora, 2002.				
KAMII, C.. Aritmética: Novas Perspectivas. Implicações da Teoria de Piaget . Papirus Editora, 2001.				
MIRANDA, S.. Do fascínio do jogo à alegria do aprender nas séries iniciais . Papirus Editora, 2001.				

V Semestre

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Cálculo Diferencial e Integral IV		Código	NE11
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE09
Cálculo Diferencial e Integral III			Semestre	V
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Coordenada polares, cilíndricas e esféricas. Transformações. Matrizes Jacobianas. Integração de funções de várias variáveis. Mudanças de coordenadas em integrais. Integral de linha.				
Referências Básicas				
STEWART, J. <i>Cálculo</i> - v. 2, 6ª edição. Editora Cengage Learning, 2009.				
ANTON, Howard.; <i>Cálculo volume 2</i> . Editora artmed. 8º Edição. 2007.				
GUIDORIZZI, H. Luiz. <i>Um Curso de Cálculo</i> . v. 2,3. 5ª edição. Editora LTC. São Paulo: 2008				
Referências Complementares				
GONCALVES, Mirian. Cálculo B : funções de várias variáveis. São Paulo: Pearson Education do Brasil LTDA, 1998.				
LEITHOLD, Louis. O cálculo com geometria analítica . 3ª. ed. São Paulo: Harbra, 2001.				
MUNEM, MUSTAFA A.; FOULIS, David J. Cálculo v. 2, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.				
ÁVILA, Geraldo Severo de Souza. Cálculo das Funções de Múltiplas Variáveis. v. 3 . Rio de Janeiro: LTC, 2006				
LARSON, R.; EDWARDS. B.; Cálculo com aplicações . Editora LTC Edição 6ª Ed. 2005.				

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Geometria Euclidiana	Código	NE12
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s) NE07
Geometria Analítica e Vetorial		Semestre	V
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Números reais. Conceituação de retas e planos. Ângulos e triângulos. Semelhança e congruência. Desigualdades geométricas. Regiões poligonais e suas áreas. Área de círculo e setores.			
Referências Básicas			
BARBOSA, João Lucas Marques. Geometria Euclidiana Plana . 10. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2006. (Coleção do Professor de Matemática). BARROS, Rui Marcos de Oliveira; FRANCO, Valdeni Soliani; GERONIMO, João Roberto. Geometria euclidiana plana . Maringá: EDUEM, 2007 QUEIROZ, Maria Lucia Bontorim de; REZENDE, Eliane Quelho Frota. Geometria euclidiana plana e construções . Campinas: UNICAMP, 2008			
Referências Complementares			
DOLCE, Osvaldo e outros. Fundamentos de matemática Elementar . v. 9. São Paulo: Atual, 1993. SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA, Revista do professor de Matemática . Rio de Janeiro: SBM. DINIZ, M. Ignez & SMOLE, Kátia. O conceito de ângulo e o ensino da geometria . São Paulo: IME-USP, 1996. ÁVILA, Geraldo. Euclides: Geometria e Fundamentos . Revista do professor de Matemática, 45. 2001. WAGNER, E. Construções Geométricas . 5a. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2000.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Metodologia do Ensino da Matemática II	Código	NP08
Carga horária semestral	120	Carga horária semanal	6
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)
Nenhum		Semestre	V
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Conceitos e usos de recursos didáticos nas aulas de Matemática no Ensino Médio. Metodologias e instrumentos de avaliação em Matemática no Ensino Médio. Ludicidade no ensino e aprendizagem da Matemática no Ensino Médio. Princípios de integração e concomitância na educação profissional técnica de nível médio. Orientação sobre o estágio na área de Matemática no Ensino Médio. Plano de ensino e de aula. Elaboração de projetos de formação.			
Referências Básicas			
JEFFREY, Andrew. Aumente suas habilidades com os números : maneiras de fazer contas com mais agilidade. São Paulo: Publifolha, 2011. TAHAN, Malba. Matemática divertida e curiosa . 17. ed., Rio de Janeiro: Record, 2002. _____. As Maravilhas da Matemática . 4. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.			
Referências Complementares			
NIQUINI, Débora Pinto. Informática na Educação –Implicações Didático –Pedagógicas e Construção de Conhecimento . Universal, 1996. PARPERT, Seymour. A Máquina das Crianças –Repensando a Escola na Era da Informática . Artes Médicas, 1994. PERRENOUD, Philippe. 10 Novas Competências para Ensinar . Artes Médicas, 2000. MACEDO, L. e outros. Aprender com Jogos e Situações-Problemas . Artmed, 2000. SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez. Ler, escrever e resolver problemas . Artmed: Porto Alegre, 2001.			

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		Física I		Código	NB07
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal		3
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	V
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Mecânica: Sistema Internacional de Unidades. Grandezas físicas e vetores. Movimentos retilíneos. Movimentos curvilíneos. Leis de Newton e aplicações. Forças na dinâmica. Forças conservativas e atrito. Forças em trajetórias curvilíneas. Energia e trabalho. Energia potencial e cinética. Leis de conservação da energia e do momento. Gravitação. Hidrostática. Leis da hidrostática.					
Referências Básicas					
HALLIDAY, David.; WALKER, Jearl.; RESNICK, Robert. Fundamentos da Física 1 – Mecânica . São Paulo: LTC, 2009.					
GASPAR, Alberto. Física: Mecânica . São Paulo: Ática, 2002.					
NUSSENZVEIG, Hersh Moyses. Curso de Física Básica 1: Mecânica . São Paulo: Edgard Blucher, 2002.					
Referências Complementares					
ALAOR, Chaves. Física Básica –Mecânica . Rio de Janeiro: LTC, 2007.					
FERRARO, Nicolau Gilberto. Aulas de Física –Volume 1 –Mecânica Reformulada . São Paulo: Atual, 2003.					
SAMPAIO, José Luiz. CALÇADA, Caio Sérgio. Física –Ensino Médio Volume Único . São Paulo: Atual 2007.					
SAMPAIO, José Luiz. Universo da Física 1 . São Paulo: Atual, 2001.					
SOARES, Paulo Toledo.; RAMALHO JUNIOR, Francisco.; FERRARO, Nicolau Gilberto. Os Fundamentos da Física: Mecânica . v. 1. São Paulo: Moderna, 2007.					

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática		Código	NP09
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	V
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Fundamentos da Informática Educativa no Brasil. Tecnologias educacionais na escola. Conhecimentos básicos das tecnologias aplicadas no Ensino de Matemática. Tecnologias e discurso. Usos pedagógicos da internet. Educação a distância on-line. <i>Softwares</i> educativos e outros recursos para o ensino e aprendizagem da Matemática. Ambientes virtuais de aprendizagem.				
Referências Básicas				
BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (org). A informática em ação: formação de professores : pesquisa e extensão. São Paulo: Olho D'Água, 2000. TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na Educação . 5ª ed. São Paulo: Érica, 2004. MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; e BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica . Campinas: Papirus, 2000.				
Referências Complementares				
DATE, C. J. Introdução a sistemas de banco de dados . Rio de Janeiro: <i>Campus</i> , 2000. MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; e BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica . Campinas: Papirus, 2000. O'HARA, Shelley. Windows rápido e fácil para iniciantes . Rio de Janeiro: Campus, 2000. BORBA, M.C. Penteado, M.G. Informática e Educação Matemática . Belo Horizonte: Autentica, 2001. LOLLINI, Paolo. Didática e computador –Quando e como a informática na escola . São Paulo: Edição Lovola, 2003.				

VI Semestre

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Física II	Código	NB08
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			
Nenhuma		Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Termologia: termometria; dilatação térmica. Calorimetria. Termodinâmica: temperatura e calor; Leis da Termodinâmica; Lei dos Gases Perfeitos. Óptica geométrica: espelhos e lentes. Ondas: movimentos periódicos; movimento harmônico simples; conceito de ondas periódicas.			
Referências Básicas			
GASPAR, Alberto. Física 2 –Ondas, Óptica e Termodinâmica . Ática, 2002. HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER J. Fundamentos de Física: Gravitação, Ondas e Termodinâmica - vol. 2. Rio de Janeiro: LTC, 2008. TIPLER, P. A. Física para Cientistas e Engenheiros . v. 1 e 2. Rio de Janeiro: LTC, 2006.			
Referências Complementares			
ALAOR, Chaves. Física Básica –Gravitação, Flúidos, Ondas e Termodinâmica . São Paulo: LTC, 2007. FERRARO, Nicolau Gilberto. Aulas de Física: Termologia, Óptica e Ondas . v. 2. São Paulo: Atual, 2003. SAMPAIO, José Luiz. CALÇADA, Caio Sérgio. Física . São Paulo: Atual 2007. SAMPAIO, José Luiz. Universo da Física 2 . Atual, 2001. SOARES, Paulo Toledo.; RAMALHO JUNIOR, Francisco.; FERRARO, Nicolau Gilberto. Os Fundamentos da Física . v. 2. Moderna, 2007.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Avaliação da Aprendizagem	Código	NP10
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			
Nenhuma		Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Concepções. Ideologia. Diferenças entre medida e avaliação. Funções da avaliação. Avaliação e aprendizagem significativa: Avaliação dialógica. Avaliação formativa. Visão construtivista do erro. Parametrização da avaliação: definição dos critérios de elaboração, proposição das questões (enunciados, objetivos, contextualização). Critérios de correção. Reorientação do processo a partir dos resultados da avaliação. Relação entre ética e avaliação. Instrumentos múltiplos de avaliação. Relação entre planejamento e avaliação. Avaliação como pesquisa na prática pedagógica.			
Referências Básicas			
HOFFMANN, Jussara Maria Lech. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista . Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005. LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da Aprendizagem Escolar , 16ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2005. SOUSA, C. P. (Org). Avaliação do rendimento escolar . 13ª ed. Campinas (SP): Papirus; 2005.			
Referências Complementares			
AQUINO, J.G. (org.) Erro e fracasso na escola, alternativas teóricas e práticas . São Paulo, Summus, 2001. BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias . Brasília: Ministério da Educação, 2002. QUINQUER, D., Avaliação como apoio à aprendizagem . Porto Alegre: Artmed, 2003. SILVA, J. F., Práticas Avaliativas e Aprendizagem Significativas em diferentes áreas do currículo . 4ª Ed. [S. I.]: Mediação, 2004. ROMÃO, J. Eustáquio. Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas . São Paulo: Cortez, 2003.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Álgebra Linear I	Código	NE13
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)	Fundamentos da Matemática IV		Código(s) NB04
		Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Espaços e subespaços vetoriais: bases de dimensão, interseção e soma de subespaços, soma direta e mudança de base.			
Referências Básicas			
BOLDRINI, José Luiz. Álgebra Linear . São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1980. LIMA, Elon Lages. Álgebra Linear . Rio de Janeiro: IMPA, 1995. STEINBRUCH, Alfredo. Álgebra Linear . São Paulo, McGraw-Hill, 1987.			
Referências Complementares			
CARVALHO, João Pitombeira. Álgebra Linear . Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A e Editora Universidade de Brasília, 1979. VALLADARES, Renato J. C.. Álgebra Linear . Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A, 1990. LIPSCHUTZ, Seymour. Álgebra Linear . São Paulo, McGraw-Hill, 1972. ANTON, H.; RORRES, C.; Álgebra linear com aplicações . Porto Alegre: Bookman, 2001. SHOKRANIAN, S.; Introdução à Álgebra Linear . Brasília: UnB, 2004.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM QUÍMICA		
Disciplina	Educação Inclusiva	Código	NP11
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)
		Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Análise histórica da educação inclusiva e das tendências atuais, no cenário internacional e nacional. Conceitos e paradigmas. Princípios norteadores, políticas, legislações e normas da Educação Inclusiva. Os sujeitos do processo educacional inclusivo. Questões de inter e transdisciplinaridade, currículo, progressão e terminalidade. Articulação dos conteúdos de Educação Inclusiva às propostas metodológicas da Educação Básica. Modalidades alternativas e abordagens educacionais na escola regular para os diferentes sujeitos: povos da floresta, negros, pessoas em vulnerabilidade social. As necessidades específicas do aluno e a formação do professor.			
Referências básicas			
ALVES, N. e LEITE, G. R. (orgs.). O sentido da escola . Rio de Janeiro/RJ: D P& A, 1999. LARROSA, J. e PÉREZ de LARA, N. (orgs.). Imagens do outro . Petrópolis/RJ: Vozes, 1990. MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Editora Moderna, 2004.			
Referências complementares			
ESTEBAN, Maria Teresa (org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos . 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. SILVA, Tomás Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais . Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. MANTOAN, M. T. E. Ensinando a turma toda: as diferenças na escola . In: Pátio. Porto Alegre: Artes Médicas, Ano V, n.º 20, fev/abr/2002. MANTOAN, M. T. E; FÁVERO, E. A G. e PANTOJA, L. M. O acesso de alunos com deficiência em escolas e classes comuns de ensino regular . Brasília: Ministério Público Federal/ Procuradoria Geral dos Direitos do Cidadão, 2000. OMOTE, S. Inclusão: perspectivas em pesquisa . In: MARQUEZINE, M.C; ALMEIDA, M.A.; MOTE, S. Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003.			

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Cálculo Numérico		Código	NE14
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE02
Cálculo Diferencial e Integral I			Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Natureza e objetivo do cálculo numérico. Algoritmos. Arredondamentos, erros, Algarismos significativos e exatos. Sistemas lineares. Resolução numérica de equações algébricas e transcendentais. Interpolação polinomial. Integração numérica.				
Referências Básicas				
BARROS, Ivan de Queiroz. Introdução ao Cálculo Numérico . Ed. Edgard Blucher Ltda, 1972. LEON, Steven J. Álgebra Linear com Aplicações . Rio de Janeiro: LTC Editora, 2011. MORAES, Dalcídio Cláudio & MARINS, Jussara Maria. Cálculo Numérico Computacional - Teoria e Prática . 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.				
Referências Complementares				
FARRER, Harry e Outros. Algoritmos estruturados . Ed. Guanabara, 1989. MORAIS, Augusto de Ramalho & SÁFADI, Thelma. Cálculo Numérico . Textos Acadêmicos. Ed. Ufln/Farpe, 1999. RUGGIERO, M. A. G; Lopes, V. L. R. Cálculo Numérico: Aspectos Teóricos e Computacionais . Editora Makron Books, 1999. RUGGIERO, Márcia G. & LOPES, Vera Lúcia da Rocha. Cálculo Numérico. Aspectos Teóricos Computacionais . São Paulo: Makron Books, 1996. SPERANDIO, D.; MENDES, J. T.; SILVA, L. H. M. Cálculo numérico: características matemáticas e computacionais dos métodos numéricos . São Paulo: Prentice Hall, 2003.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Equações Diferenciais		Código	NE15
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE05
Cálculo Diferencial e Integral II			Semestre	VI
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Equações diferenciais de primeira e segunda ordens e de ordem superior. Transformada de Laplace. Sistema de equações diferenciais lineares. Números complexos. Funções de variáveis complexas. Fórmula de Euler.				
Referências Básicas				
BOYCE, William Edward. Equações Diferenciais Elementares e Problemas de Valores de Contorno . LTC, 2006.				
BRAGA, Carmen Lys Ribeiro. Notas de Física Matemática –Equações Diferenciais, Funções de Green e Distribuições . Livraria da Física, 2006.				
BROUNSOM, Richard.; COSTA, Gabriel. Equações Diferenciais . Artmed, 2008.				
Referências Complementares				
BOYCE, Willian Edward. Equações Diferenciais: Uma Introdução a Métodos Modernos e suas Aplicações . LTC, 2009.				
DIACU, Florin. Introdução a Equações Diferenciais . LTC, 2004.				
FIGUEIREDO, Djairo G.; NEVES, Aloisio Ferreira. Equações Diferenciais Aplicadas . IMPA, 1997.				
SIMMONS, George F.. Equações Diferenciais: Teoria, Técnica e Prática . Macgraw – Hill Brasil, 2007.				
ZILL, Dennis G. Equações Diferenciais –Volume 1 . Makron Books, 2000.				

VII Semestre

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM QUÍMICA			
Disciplina		Física III		Código	NB09
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal		3
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	
Nenhuma				Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Eletrostática: eletrização; unidade de carga; Lei de Coulomb; campo elétrico. Eletrodinâmica: corrente elétrica; Lei de Ohm; capacitores; força eletromotriz; associação de geradores e receptores; circuitos elétricos. Magnetismo: campo magnético; Lei de Ampère; Lei de Faraday; Lei de Lenz.					
Referências Básicas					
HALLIDAY, D. RESNICK, R.. WALKER J. Fundamentos de Física: Eletromagnetismo . v. 3. Rio de Janeiro: LTC, 2009.					
TIPLER, P. A. Física para Cientistas e Engenheiros . v. 3. Rio de Janeiro: LTC, 2006.					
NUSSENZVEIG, Hersh Moyses. Curso de Física Básica 3: Fluidos, Oscilações e ondas, Calor . São Paulo: Edgard Blucher, 2002.					
Referências Complementares					
ALAOR, Chaves. Física Básica –Gravitação, Fluidos, Ondas e Termodinâmica . LTC, 2007.					
FERRARO, Nicolau Gilberto. Aulas de Física –Volume 3 –Eletricidade . Atual, 2003.					
SAMPAIO, José Luiz. CALÇADA, Caio Sérgio. Física –Ensino Médio Volume Único . Atual 2007.					
SAMPAIO, José Luiz. Universo da Física 3 . Atual, 2001.					
SOARES, Paulo Toledo.; RAMALHO JUNIOR, Francisco.; FERRARO, Nicolau Gilberto. Os Fundamentos da Física –Volume 3 - Eletricidade . Moderna. 2007.					

PLANO DE DISCIPLINA					
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina		Álgebra I		Código	NE16
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal		3
Disciplina(s) pré-requisito(s)				Código(s)	NB01
Fundamentos da Matemática I				Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)					
Conjuntos, Produto cartesiano. Relação de equivalência. Conjunto quociente. Funções injetivas, sobrejetivas e inversíveis. O anel dos inteiros. Axiomas. Princípio da indução. Ideais. Divisibilidade. Teorema fundamental da aritmética. Sistemas de numeração com ênfase para as bases 2 e 10. Representação dos números racionais. Dízimas periódicas.					
Referências Básicas					
DOMINGUES, Hyino. IEZZI, Gelson. Álgebra Moderna . São Paulo: Atual, 1985. BIRKOFF, Machame. Álgebra Moderna . Rio de Janeiro: Guanabara, 1983. BAUMGART, John K. . Tópicos de História da Matemática , para uso em Sala de Aula - Álgebra. Trad. Hygino H. Domingues - São Paulo: Atual, 1992.					
Referências Complementares					
ENDLER, Otto. Teoria dos Números Algébricos . Rio de Janeiro: Instituto de Matemática Pura e Aplicada, CNPq, 1986. HEFEZ, A. Álgebra . Vol. 1. IMPA: Rio de Janeiro: IMPA, 1993. (Coleção Matemática Universitária). COXFORD, Arthur F.. SHULTE, Alberto P (org.). tradução Hygino H. Domingues. As idéias da álgebra . São Paulo: Atual, 1994. HEFEZ, A.. Curso de Álgebra , v. 1. Rio de Janeiro : IMPA, 1993. (Coleção Matematica Universitaria). BIRKHOFF, G e MacLane S.. Álgebra moderna básica . Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.					

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Análise Real		Código	NE17
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhum			Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Conjunto enumeráveis e não-enumeráveis Números Naturais. Números reais: corpo ordenado e completo. Sequências de Números reais. Séries Numéricas. Noções topológicas. Limite e continuidade de funções reais de variável real.				
Referências Básicas				
ÁVILA, Geraldo. Análise Matemática para Licenciatura . São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2006.				
LIMA, Elon Lages. Curso de análise . v. 1. 11. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2004.				
LIMA, Elon Lages. Análise Real . v. 1. 10ª. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2008.				
Referências Complementares				
FIGUEIREDO, Djairo Guedes de. Análise I . Brasília: Editora UnB, 1998.				
BARTLE, R. G. Elementos de Análise Real , Editora Campus, Rio de Janeiro, 1983.				
SILVA, J. Carvalho. Princípios de Análise Matemática , Ed. Mc Graw-Hill, Rio de Janeiro, 1994				
AGUDO, F.R.D.; Análise Real vol.1.Editora Escolar. Edição 2ª Ed. 1994. ÁVILA, Geraldo. Introdução à Análise Matemática . Rio de Janeiro: Edgard Blucher, 1998.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA			
Disciplina	Oficina de Material Pedagógico		Código	NP16
Carga horária semestral		80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
			Semestre	
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Jogos didáticos. Materiais pedagógicos para ensino da Matemática. Mídias e hipermídias para docência. Instrumentação para estágio. Instrumentos de controle pedagógico. Elaboração de simulações, jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem, com uso de materiais concretos. Uso da informática na elaboração de aulas.				
Referências Básicas				
ANTUNES, Celso. Jogos para Estimulação das Múltiplas Inteligências . Petrópolis: Vozes, 1998. PAIS, Luis Carlos. Ensinar e Aprender Matemática . São Paulo: Autêntica, 1º. Ed. 2006. Didática da Matemática : uma análise da influência Francesa. 2.ed., São Paulo: Autêntica, 2008.				
Referências Complementares				
ANTUNES, A.M.; SABÓIA-MORAIS, S.M.T.; O jogo educação e saúde: uma proposta de mediação pedagógica no ensino de ciências. Experiências em Ensino de Ciências , v.5(2), p. 55-70, 2010. BARROSO, J. M.; Projeto Araribá : matemática/obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006. BORBA, M. C. (Org.) Tendências internacionais em formação de professores de matemática . Belo Horizonte: Autêntica, 2006. IMENES, L.M. P.; Geometria dos mosaicos . 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996. LARA, Isabel Cristina Machado de. Jogando com a Matemática de 5ª a 8ª série . São Paulo: Rêspel, 2003.				

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Álgebra Linear II	Código	NE18
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	NE13
Álgebra Linear I		Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Autovalores e autovetores, polinômio característico, diagonalização de transformações lineares. Produto interno e norma, vetores ortogonais, bases ortonormais, processo de Gram-Schmidt. Operadores auto-adjuntos ortogonais e normais. Formas canônicas.			
Referências Básicas			
BOLDRINI, José Luiz. Álgebra Linear . São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1980. LIMA, Elon Lages. Álgebra Linear . Rio de Janeiro: IMPA, 1995. STEINBRUCH, Alfredo. Álgebra Linear . São Paulo, McGraw-Hill, 1987.			
Referências Complementares			
CARVALHO, João Pitombeira. Álgebra Linear . Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A e Editora Universidade de Brasília, 1979. VALLADARES, Renato J. C.. Álgebra Linear . Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A, 1990. LIPSCHUTZ, Seymour. Álgebra Linear . São Paulo, McGraw-Hill, 1972. ANTON, H.; RORRES, C.; Álgebra linear com aplicações . Porto Alegre: Bookman, 2001. SHOKRANIAN, S.; Introdução à Álgebra Linear . Brasília: UnB, 2004.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Desenho Geométrico	Código	NB10
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	
Nenhum		Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Instrumentos de desenho. Lugares geométricos. Operações com segmentos de reta e com ângulos. Construções fundamentais: triângulos, circunferência, polígonos regulares. Curvas cônicas e cíclicas. Concordeância das retas e dos arcos de circunferências. Figuras equivalentes. Escalas.			
Referências Básicas			
CARVALHO, Benjamin de A. Desenho Geométrico . 3 ed Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993. DOLCE, O. e Pompeo, J. N. Fundamentos da matemática elementar, Geometria Plana . 2 ed. São Paulo: Atual, 1980. JORGE, Sônia. Desenho Geométrico: Idéias e Imagens , 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.			
Referências Complementares			
PUTNOKI, José Carlos. Elementos de Geometria e Desenho Geométrico . São Paulo: Scipione, vol. I e 2, 1989. SILVA, A.; DIAS, J.; SOUSA, L. Desenho Técnico Moderno . Lisboa: Lidel, 2001. JUNIOR, Isaias Marchesi. Curso de Desenho Geométrico . v. 1 e 2. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985. PINTO, Nilda Helena S. Corrêa. Desenho Geométrico . v. 1, 2, 3 e 4. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1991. REZENDE, Eliane Quelho F.; QUEIROZ, Maria Lúcia B.; Geometria Euclidiana Plana e Construções Geométricas . 2ª edição. Editora Unicamp, 2008.			

VIII Semestre

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Libras		Código	NP14
Carga horária semestral		60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	VIII
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Deficiência auditiva e educação para pessoa surda. Lei de Libras. A prática bilíngue na educação do aluno surdo. Os instrumentos para comunicação com o aluno surdo. A escrita, a fala e os sinais. Linguística em LIBRAS. Teoria da tradução e interpretação. Dicionário básico de LIBRAS. Alfabeto manual. Gramática de LIBRAS. A mediação do conhecimento por meio de intérpretes. Alternativas didáticas para atendimento ao aluno surdo ou com baixa audição.				
Referências Básicas				
FALCÃO, Luiz Albérico. Surdez, cognição visual e libras . [S. l.]: Luiz Albérico, 2010. GESSER, Audrei. Libras: que língua é essa? [S. l.]: Parábola, 2009. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérprete de Libras . [S. l.]: Mediação, 2009.				
Referências Complementares				
BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Educação especial — caderno de estudos . Brasília: MEC, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).BRASIL. Presidência da República. Planalto. Decreto 3.298 . Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm . Acesso em 23 de agosto de 2009. GOES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação . Autores Associados, 1996. PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de Libras 1 . Rio de Janeiro : LSB Vídeo, 2006 QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos . Porto Alegre : Artmed, 2004.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Álgebra II		Código	NE19
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE13
Álgebra Linear			Semestre	VIII
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Domínios. O anel dos polinômios. Polinômios com coeficientes num corpo, algoritmo da divisão, divisibilidade, ideais, fatoração. Raízes, multiplicidades, expansão de Taylor. O corpo das frações racionais, frações parciais. O corpo dos números complexos, representações dos números complexos, fórmula de Moivre, raízes da unidade. Polinômios com coeficientes numéricos (complexos, reais e racionais), pesquisa de raízes em $\mathbb{Q}$, teorema de Gauss, critérios de irredutibilidade. Equações algébricas, relações entre coeficientes e raízes, equações de graus 2, 3 e 4. Extensões finitas dos racionais, extensões simples, construções com régua e compasso.				
Referências Básicas				
BIRKHOFF, G.; MACLANE, S. Álgebra Moderna Básica . 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.				
GARCIA, Arnaldo; LEQUAIN, Yves. Álgebra: um curso de introdução . 5. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2007.				
GONÇALVES, Adilson. Introdução à álgebra , 5a.edição. Rio de Janeiro: IMPA, 2006.				
Referências Complementares				
HEFEZ, A. Álgebra . Vol. 1. IMPA: Rio de Janeiro: IMPA, 1993. (Coleção Matemática Universitária).				
LANG, Serge. Álgebra . New York: Addison Wesley Publishing Company.				
BOLDRINI, José Luiz. Álgebra Linear . São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1980.				
LIMA, Elon Lages. Álgebra Linear . Rio de Janeiro: IMPA, 1995.				
STEINBRUCH, Alfredo. Álgebra Linear . São Paulo, McGraw-Hill, 1987.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Variáveis Complexas		Código	NE20
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	NE09
Cálculo Diferencial e Integral III			Semestre	VIII
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Números complexos. Funções analíticas. Funções elementares. Transformações por funções elementares. Integrais. Séries de potências.				
Referências Básicas				
ÁVILA, Geraldo. Cálculo de funções de uma variável . v. 1. Rio de Janeiro: LTC, 2002.				
SOARES, N. Cálculo em uma Variável Complexa . Coleção Matemática Universitária. (SBM 2001).				
NETO, Alcides Lins. Funções de uma Variável Complexa , Projeto Euclides, IMPA. Rio de Janeiro 1993.				
Referências Complementares				
FERNANDEZ, Cecília S.; BERNARDES JR, Nilson C. Introdução às Funções de uma Variável Complexa . Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 2006.				
CARMO, Manfredo Perdigão; MORGADO, Augusto César; WAGNER, Eduardo; Trigonometria e Números Complexos . 3ª Edição, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 2001.				
MCMAHON, D. Variáveis Complexas Desmistificadas: Um guia para autoaprendizado . Ciência Moderna, 1. ed, 2009.				
ÁVILA, Geraldo. Variáveis Complexas e Aplicações . Edição 3ª ed. 2000.				

PLANO DE DISCIPLINA				
CURSO		LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Geometria Descritiva		Código	NE21
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3	
Disciplina(s) pré-requisito(s)			Código(s)	
Nenhuma			Semestre	VIII
Ementa (eixos principais, globalizadores)				
Convenções. Sistemas de projeções. Problemas fundamentais métricos e de posição. Representação de poliedros. Desenvolvimento e interseção de poliedros. Projeções cotadas. Axonometria. Projeção central. Representação de superfícies.				
Referências Básicas				
BORGES, G., BARRETO, D., MARTINS, E. Noções de Geometria Descritiva: Teoria e Exercícios . Ed. Sagra Lusato 2001.				
MONTENEGRO, Gildo A. Geometria Descritiva . São Paulo: Edgard Blucher, 1991.				
MACHADO, Ardevan. Geometria Descritiva . 27ª Ed. São Paulo: Atual, 1993.				
Referências Complementares				
AGUILÁ, Leonildo Teixeira de, Alguns Conceitos Geométricos . SPB Editores Lisboa - 1997				
PRINCIPE JR, Alfredo dos Reis. Noções de Geometria Descritiva . v. 1 e 2. São Paulo: Nobel. 1991.				
LACOURT, Helena. Noções e Fundamentos de Geometria Descritiva . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.				
ABAJO, F. Javier Rodriguez de , - “ Geometria Descritiva II –Sistema de Planos Acotados ”, - Editorial Donostiarra, S. A. – San Sebastian – 11ª edição em 1993 .				
ASENSI, Fernando Izquierdo, Geometria Descritiva . Editoria Paranifíco Magallanes – 21ª Ed. 1993.				

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Metodologia do Ensino em EJA	Código	NP12
Carga horária semestral	60	Carga horária semanal	3
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	
Nenhuma		Semestre	VII
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
A EJA na história da educação brasileira. A prática escolar e a construção da cidadania na EJA. Pressupostos de ensino e aprendizagem em EJA. Metodologias de ensino e aprendizagem. Materiais didáticos para educação de jovens e adultos na área de Matemática. Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA. Desenvolvimento integral de sujeitos. Importância econômica, política, cultural e social da EJA.			
Referências Básicas			
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 1996.			
FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria. Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho . Brasília, DF: MEC/SETEC, 2004.			
GONÇALVES, Suzana. Teorias da aprendizagem, práticas de ensino . ESEC, 2001.			
VÓVIO, Claudia. Viver, aprender: educação de jovens e adultos (livro 1). São Paulo: ação educativa, 1998.			
Referências Complementares			
BRASIL. Presidência da República. Lei de diretrizes e bases da educação nacional n.º 9.394/96 . Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >. Acesso em 13/2/2011.			
OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, J. (orgs.). Educação de jovens e adultos . Rio de Janeiro. DP&A, 2004.			
FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos . 10.ed. São Paulo. Paz e Terra, 2002			
_____. Parecer CNE/CEB 11/2000: diretrizes nacionais da educação de jovens e adultos .			
_____. Resolução CNE 4/2010: diretrizes nacionais da educação básica . Disponível em < ">http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6704&Itemid=> >.			
Acesso em 13 de fevereiro de 2011.			

PLANO DE DISCIPLINA			
CURSO	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA		
Disciplina	Metodologia do Ensino em EAD	Código	NP13
Carga horária semestral	80	Carga horária semanal	4
Disciplina(s) pré-requisito(s)		Código(s)	
Nenhuma		Semestre	VIII
Ementa (eixos principais, globalizadores)			
Fundamentos da EAD. Comunicação, educação e tecnologia. Recursos tecnológicos para ensino a distância. Organização de sistemas de EAD. Tutorias. Relações dos sujeitos da prática pedagógica no contexto da EAD. Ambientes virtuais de aprendizagem. Materiais didáticos em EAD. Sistemas de avaliação e controle.			
Referências Básicas			
BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação . Campinas: Autores Associados, 2009.			
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Educação corporativa . São Paulo: Pearson, 2004.			
LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.			
Referências Complementares			
MAIA, Carmem. MATTAR, João. ABEC da EAD: a educação a distância hoje . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.			
PAPERT, Seymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática . Porto Alegre: Artmed, 2008.			
SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ, Fernando (publ.). Tecnologias para transformar a educação . Porto Alegre: Artmed, 2008.			
WOLFF, L. Tecnologia Instrucional . In: CASTRO, C. M. Educação na Era da Informação. Rio de Janeiro: BID: UniverCidade, 2001.			
PINHEIRO, B. M. e GONÇALVES, M. H. O Processo Ensino-Aprendizagem . Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2001.			

ANEXO 1

QUADRO DE DOCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Nº	Nome	Disciplina(s) em que Atua	Maior Titulação na Área	CH	RT
	A CONTRATAR	Libras			
1	Alvino Moraes de Amorim	Filosofia da Educação	Licenciatura em Filosofia	40	40 h
2	Andreia Maciel da Silva	Informática Aplicada ao Ensino da Matemática; Metodologia do Ensino em EAD	Tecnologia em Desenvolvimento de Sistemas; Pedagogia; Especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior	40	DE
3	Antonio Sergio Florindo dos Santos	História da Matemática; Teoria dos Números; Estatística I e II; Lógica Matemática; Álgebra Linear I e II; Álgebra I e II	Licenciatura em Matemática	40	DE
4	Cláudia Aparecida Prates	Didática Geral; Avaliação da Aprendizagem	Graduação em Pedagogia; Especialização em Metodologia do Ensino Superior	40	40 h
5	Claudinei de Oliveira Pinho	Fundamentos da Matemática I, II, III e IV; Cálculo Diferencial e Integral I, II, III e IV; Oficina de Material Pedagógico; Metodologia do Ensino da Matemática I e II; Equações Diferenciais; Análise Real; Variáveis Complexas	Licenciatura em Matemática; Especialização em Educação Matemática	40	DE
6	Jaqueline Aida Ferrete	Metodologia do Trabalho Científico; Políticas Públicas e Legislação em Educação	Licenciatura em Geografia; Doutora em Geografia e Gestão do Território	40	DE
7	Leonardo Pereira da Silva	Física I, II e III	Licenciatura em Física; Especialização em Educação Matemática	40	DE
8	Maria Fabíola Assumpção dos Santos	Metodologia do Ensino em EJA	Mestrado em Fitossantidade/Fitopatologia	40	DE
9	Mônica do Carmo Apolinário Oliveira	História da Educação; Psicologia da Aprendizagem; Educação Inclusiva; Sociologia da Educação	Licenciatura em História; Especialização em Psicopedagogia	40	DE
10	Pedro Vargas Groeff	Geometria Plana e Espacial; Geometria Analítica e Vetorial; Geometria Euclidiana; Geometria Descritiva; Cálculo Numérico; Desenho Geométrico	Licenciatura em Matemática; Especialização em Metodologia das Ciências da Matemática	40	DE
11	Sandra Aparecida Lopes Ferrari	Português Instrumental	Licenciatura em Letras; Mestrado em Teoria da Literatura	40	DE

Fonte: IFRO/Campus Vilhena (2011)

ANEXO 2

LINKS DE ACESSO AO CURRÍCULO DOS MEMBROS DO CORPO DIRIGENTE

Nº	Nome	Endereço dos currículos na Plataforma Lattes
1	Maria Fabíola Moraes de Assumpção Santos	http://lattes.cnpq.br/7941533987806732
2	Ângela Correia da Silva	http://lattes.cnpq.br/7590903455464243

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)

ANEXO 3

LINKS DE ACESSO AO CURRÍCULO DOS DOCENTES

Nº	Nome	Endereço dos currículos na Plataforma Lattes
1	Alvino Moraes de Amorim	http://lattes.cnpq.br/5061573319383882
2	Andreia Maciel da Silva	http://lattes.cnpq.br/4184253200388808
3	Antonio Sergio Florindo dos Santos	http://lattes.cnpq.br/8674866816629836
4	Cláudia Aparecida Prates	http://lattes.cnpq.br/7590236831926852
5	Claudinei de Oliveira Pinho	http://lattes.cnpq.br/1580621331389398
6	Jaqueline Aida Ferrete	http://lattes.cnpq.br/8686863535289032
7	Leonardo Pereira da Silva	http://lattes.cnpq.br/0379646161299050
8	Maria Fabíola Moraes de Assumpção Santos	http://lattes.cnpq.br/7941533987806732
9	Mônica do Carmo Apolinário Oliveira	http://lattes.cnpq.br/7101240616054654
10	Pedro Vargas Groeff	http://lattes.cnpq.br/4404626524197646
11	Sandra Aparecida Lopes Ferrari	http://lattes.cnpq.br/4626126313143972

Fonte: IFRO/*Campus* Vilhena (2011)